

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



**TEATRO DOS RENEGADOS & A BOLHA
MARGINAL NA ERA DIGIT@L**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES PERFORMATIVAS

César Augusto Ruiz de Siqueira

Lisboa, Maio / 2021

**TEATRO DOS RENEGADOS & A BOLHA
MARGINAL NA ERA DIGIT@L
RELATÓRIO DE ESTÁGIO**

César Augusto Ruiz de Siqueira

Relatório de Estágio submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Artes Performativas, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Armando Nascimento Rosa.

Lisboa, Maio / 2021

Eu dedico este trabalho aos sempre atenciosos e incansáveis Rodolfo García Vázquez e Ivam Cabral, ao meu querido orientador Armando Nascimento Rosa e a todos os artistas que conseguiram resistir à peste do século XXI.

Teatro dos Renegados & a Bolha Marginal na Era Digit@l

SUMÁRIO

1. RESUMO	4
1.2. ABSTRACT	4
2. INTRODUÇÃO	5
3. CHEGANDO A SÃO PAULO EM MEIO AO CAOS	7
4. O UNIVERSO D'OS SATYROS	8
5. OS SATYROS E A COMUNIDADE LGBTQIA+	13
6. A CHEGADA À NUVEM	18
7. O PROCESSO DO FAZER TEATRO DIGITAL E O SER ARTISTA DIGITAL	19
8. O PRIMEIRO CONTATO COM O PÚBLICO	38
9. <i>A ARTE DE ENCARAR O MEDO</i>	40
10. AS SATYRIANAS 2020	44
11. FESTIVAIS	51
12. <i>A ARTE DE ENCARAR O MEDO – PRÊMIOS E RECONHECIMENTO INTERNACIONAL</i>	51
13. MENÇÕES HONROSAS	53
14. CURIOSIDADES DE <i>A ARTE DE ENCARAR O MEDO</i>	54
15. FICHA TÉCNICA DE <i>A ARTE DE ENCARAR O MEDO</i>	58
16. CONCLUSÃO	59
17. BIBLIOGRAFIA	62
18. WEBGRAFIA	63
19. SITES RELACIONADOS À COMPANHIA TEATRAL OS SATYROS	64

1. RESUMO

Este é um relatório de estágio que aborda o meu percurso como ator dentro da companhia teatral brasileira Os Satyros entre o mês de março e dezembro de 2020, o ano em que a pandemia da Covid-19 assolou o planeta e o mundo das artes cênicas ficou fisicamente paralisado. Dessa forma, o conteúdo deste trabalho narra além das minhas experiências pessoais e profissionais com o grupo paulistano, a transição d' Os Satyros do espaço cênico físico para o digital, apresentando, através da telecopresença, o seu pioneiro e inovador espetáculo: *A Arte de Encarar o Medo*.

Narro em primeira pessoa todo o processo de criação e de ensaios através do sistema de *devising*, usado pelo coletivo, e conto toda a trajetória até atingirmos as quase cem apresentações públicas. Este relatório também ressalta a grande importância das tecnologias contemporâneas, que foram essenciais para que este projeto fosse realizado. Tenho como base bibliográfica pensadores e estudiosos como *Alberto Guzik, Augusto Boal, Judith Butler, Paul B. Preciado, Ivam Cabral, Rodolfo García Vázquez, Virginie Despentes*, entre outros; e se dirige a todos os estudantes e profissionais das artes performativas que se utilizam da tecnologia para o fazer teatral.

PALAVRAS-CHAVE: A Arte de Encarar o Medo; Lutas Identitárias; Os Satyros; Política; Teatro Brasileiro; Teatro Digital; Telecopresença; Telepresença.

1.2. ABSTRACT

This is an internship report about my journey as an actor within the Brazilian theater company *Os Satyros* between March and December 2020, the year when the Covid-19 pandemic ravaged the planet and the world of performing arts was physically paralyzed. In this way, the content of this work narrates, in addition to my personal and professional experiences with the São Paulo's group, the transition from *Os Satyros* from physical to digital scenic space, presenting, through teleconference / *telecopresence*, its pioneer and innovative show: *The Art of Facing Fear*.

This work presents in first person the entire process of creation and rehearsals through the *devising* system, used by the group, and tells the entire trajectory until reaching almost one hundred public presentations. This report also highlights the great importance of contemporary technologies and devices that were essential for this project to be carried out. I have as a bibliographic base thinkers and scholars like *Alberto Guzik, Augusto Boal, Judith Butler, Paul B. Preciado, Ivam Cabral, Rodolfo García Vázquez, Virginie Despentes*, among others; and is aimed at all students and professionals in the performing arts who use technology to make theatre.

KEYWORDS: Brazilian Theater; Digital Theater; Identity Issues; Os Satyros; Politics; Telecopresence; Telepresence; The Art of Facing Fear.

“O discurso acadêmico e a sua gramática são como uma floresta que não nos permite distinguir as árvores individuais, mas ao mesmo tempo vão um passo mais além, obrigando o investigador a abater as árvores para compreender a floresta...”

(Paul B. Preciado, *Manifesto Contra-Sexual*, 2002, p. 37)

2. INTRODUÇÃO

Esse trabalho narra a minha passagem no coletivo teatral brasileiro Os Satyros, abrangido entre março de 2020 até o fim de dezembro de 2020 e o apresento no formato de relato pessoal documentado, o qual vou descrever a minha vivência e sobretudo a minha experiência nas práticas artísticas com a trupe paulistana, não tendo esse relatório a pretensão de ser um artigo científico sobre a companhia ou mesmo contar toda a sua extensa e desbravadora história pelo mundo.

O meu estágio na companhia aconteceu em meio a maior crise tanto na área da saúde quanto social do século XXI e todo o trabalho realizado foi sendo adaptado de acordo com os acontecimentos que se seguiam. No início, assim como grande parte da população global, eu acreditava que a pandemia da Covid-19, tal como o confinamento que se seguiu, durariam apenas alguns dias, mas os dias se transformaram em semanas, meses...

Mesmo assim, Os Satyros conseguiram se reinventar no mundo cibernético e através de um projeto inicialmente desprezioso: *A Arte de Encarar o Medo*, inauguraram um espaço virtual: *O Satyros Digit@l*, que até agora, já estreou 12 espetáculos, e já conta com outros novos projetos sendo produzidos, além de realizar o já tradicional festival *Satyrianas* de forma completamente digital. *A Arte de Encarar o Medo* ganhou ainda duas montagens internacionais premiadas - *The Art of Facing Fear* - uma versão Africana-Europeia e outra Estadunidense, cada uma delas com características singulares, se adaptando às culturas locais.

Entre ensaios abertos, apresentações para jornalistas, sessões oficiais e festivais, *A Arte de Encarar o Medo*, em sua versão brasileira, atingiu a marca de 91 sessões com sucesso de público e crítica. Estreamos oficialmente no dia 13 de Junho de 2020 e ficamos em cartaz digitalmente até o dia 20 de Dezembro de 2020.

Sinto-me privilegiado de poder ter tido a chance de trabalhar com o fazer teatral mesmo neste cenário tão conturbado para as Artes, que foi, e que nesse exato momento em que escrevo, ainda o é, o período da pandemia do novo Coronavírus.

Os *Satyros* estavam com uma agenda presencial bastante cheia para o ano de 2020, inclusive alguns espetáculos teriam apresentações internacionais. Pude também perceber que é uma companhia que trabalha praticamente em escala industrial e sempre com muita paixão. Tudo funciona e se transforma com uma rapidez incrível e faz jus à alcunha dada pela crítica teatral Carmelinda Guimarães, quando na ocasião do *Festival de Teatro de Almada* de 1994, disse sobre Os *Satyros*: “*Vocês são muito velozes, o teatro de vocês é muito veloz...*”. (Ivam Cabral para Alberto Guzik, *Cia. de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral*, 2006, página 190)

E mesmo diante dessa situação tão crítica para as artes cênicas, não deixaram de trabalhar em nenhum momento, transportando, sempre com muita coragem e criatividade, através das suas peças digitais, a Praça Roosevelt para o mundo, gerando uma estética virtual bastante própria que vai além daquela física criada pelo grupo, sem abandonar a sua essência primordial e seus valores. Muitos espetáculos seguem com longas carreiras nesse ambiente antes praticamente inexplorado pelo teatro, montando assim, um repertório diversificado e gerando trabalho para um grande número de artistas e técnicos.

Como ator e estudante das artes performativas, sempre procurei investigar formas alternativas de interpretação e encenação e vi no Rodolfo García Vázquez e no Ivam Cabral criadores revolucionários, que pensam e vivem o Teatro vinte e quatro horas / sete dias por semana, e mesmo assim, continuam sendo extremamente acessíveis às ideias vindas dos atores, dando diretriz para uma dramaturgia coletiva.

No ano de 2018 eu tinha feito um intercâmbio cultural entre Portugal – Brasil, através da *ESAP – Escola Superior Artística do Porto* na *SP Escola de Atores*, escola diretamente ligada à companhia, e também nessa época, tive a oportunidade de assistir alguns trabalhos d’Os *Satyros*, o que me despertou a curiosidade e a admiração com a coragem do grupo em enfrentar toda uma sociedade conservadora e patriarcal com seus posicionamentos libertários. Confesso que imediatamente me vi atraído por esse lado underground e anarquista e senti uma conexão muito forte com o coletivo, tanto pelas suas posições intelectuais quanto artísticas, tentando sempre desmoralizar o moralismo chato e desvelar a hipocrisia. Descobri nos *Satyros* um lugar “secreto” em São Paulo (e agora no mundo), uma bolha marginal onde todas as criaturas são bem-vindas e onde todos os seres têm lugar de voz.

Comecei as minhas conversas com o diretor e cofundador da companhia, Rodolfo García Vázquez, ainda no final do mês de dezembro de 2019. Nosso primeiro contato foi através de um e-mail de interesse enviado no dia 29 desse mesmo mês, o qual surpreendentemente foi prontamente respondido, e a partir daí mantivemos contato frequentemente por e-mail, WhatsApp e redes sociais, onde eu podia acompanhar, ainda em Lisboa, todos os passos d’Os *Satyros*.

Eu nunca imaginaria que durante todo o meu estágio, nunca teríamos um contato físico, mas sempre através do virtual – digital, ou, daquilo que seria chamado pelo próprio Rodolfo: **telecopresença**.

Um trecho do primeiro email / resposta do Rodolfo García Vázquez:

“... Que legal teu interesse em fazer estágio no Brasil e em especial no nosso coletivo.

Não sei se você sabe, mas temos uma relação profunda com Lisboa. Vivemos na cidade durante 7 anos e foi um período que nos deixou grandes amizades.

Nós temos alguns (muitos) projetos em vista para 2020, mas com o caos que este país está, ainda não temos nada fechado. Mas podemos começar a conversar e pensar alternativas.”

Antes de viajar para o Brasil, a minha maior preocupação era de como trabalhar na área teatral com um governo vigente de extrema direita, retrógrado, e que impôs tantas limitações destinadas à Arte?! Nessa altura, nunca poderia imaginar que essa não seria a única prova que enfrentaria no decorrer deste estágio ...

3. CHEGANDO A SÃO PAULO EM MEIO AO CAOS

Aterrissei em São Paulo no fim da tarde do dia 10 de Março de 2020, e já no dia 17 de março tinha um encontro marcado com o Rodolfo García Vázquez para a nossa primeira reunião depois de alguns meses de trocas de mensagens. Ele também tinha me convidado para participar do Núcleo de Laboratório de Pesquisa Teatral d’Os Satyros. Mas, por conta da pandemia do novo Corona vírus, foi decretado quarentena obrigatória na cidade de São Paulo e no dia 13 de março o coletivo encerrou todas as suas atividades presenciais.

No dia 14 de Março, apenas 4 dias após a minha chegada, recebi uma mensagem do Rodolfo por *WhatsApp* dizendo que teríamos que adiar o nosso primeiro encontro por conta do vírus. Como ainda não tínhamos a noção da gravidade da situação e do tempo que tudo estaria paralisado, ficamos de marcar uma reunião para a próxima semana, esta que infelizmente nunca chegou a acontecer.

Tenho anotado no meu caderno, no dia 17 de março de 2020, “O ano em que a Terra parou!”. A notícia de que eu não poderia começar o meu estágio, primeiramente me desestabilizou por completo, afinal eu tinha viajado de Portugal para o Brasil especialmente para esse propósito.

Inicialmente, a prefeitura da cidade de São Paulo decretou apenas 15 dias de quarentena, o Rodolfo, sempre muito solícito, entrou em contato comigo na tarde daquele mesmo dia e sugeriu que eu assistisse o filme *A Filosofia na Alcova*.

4. O UNIVERSO D'OS SATYROS

A Filosofia na Alcova é uma produção cinematográfica d'Os Satyros lançada em 2017 e que já teve algumas montagens teatrais de bastante sucesso, inclusive em Portugal, da qual falarei mais adiante. O longa tem direção do próprio Rodolfo García Vázquez e de Ivam Cabral, os dois fundadores da Cia Os Satyros. Depois de assistir o filme, nos encontraríamos virtualmente mais uma vez para falar sobre as minhas impressões. Já na primeira conversa em solo brasileiro, o Rodolfo tinha me passado uma página particular do *Vimeo* junto com a respectiva senha, onde além das obras cinematográficas do grupo contém grande parte das peças gravadas.

A obra é baseada no *Marquês de Sade* e conta a história de *Dolmancé* e *Juliette*, dois dos personagens mais ousados da literatura universal. A recomendação que me foi dada foi: “*Não assista o filme perto de crianças!*” Dessa forma, o Rodolfo fez uma espécie de iniciação do que seria o universo d'Os Satyros.

A personagem de *Dolmancé* é interpretada pelo ator Henrique Mello, que viria a ser meu colega de trabalho na peça digital *A Arte de Encarar o Medo*. O filme conta ainda com a presença icônica da atriz transexual e grande diva underground *Phedra de Córdoba*, que morreu em 2016, sendo esse longa, o seu último trabalho. No decorrer do meu estágio tive a oportunidade de ouvir muitas histórias sobre a *Phedra*, tanto em conversas, entrevistas e *lives*, essas que foram (e ainda são no momento) um símbolo da expressão artística em tempos pandêmicos, tendo eu mesmo a oportunidade de participar de 3 *lives*, uma com o próprio Rodolfo, outra com o jornalista e crítico teatral Miguel Arcanjo e outra com o jornalista Pedro Leão, essas duas últimas na altura de divulgação de *A Arte de Encarar o Medo*.



(Cartaz de divulgação de *A Filosofia na Alcova*, 2014 - Foto Acervo Os Satyros)

“O manuscrito de Os Cento e Vinte Dias de Sodoma é um rolo de papel de doze metros de comprimento constituído por pequenos pedaços colados uns aos outros, escritos dos dois lados a tinta preta. Sade escreveu-o em trinta e sete noites, na escuridão quase total e com uma caligrafia minúscula, no tempo que esteve preso na Bastilha em 1785, escondendo-o dentro de um dildo de madeira oco para que não fosse descoberto pelos seus carcereiros. Tudo o que era escrito por Sade era confiscado e dava imediatamente azo a novas acusações. Sade declarou que passava o tempo a ler e a escrever, a comer e a masturbar-se – mais de seis vezes por dia, segundo referiu. Foi por causa destas práticas masturbatórias que pediu à sua mulher, Renée-Pélagie, que lhe fizesse um dildo de madeira para penetração anal. Escondido dentro de uma das paredes de pedra da prisão, o dildo protegeu o manuscrito da pilhagem da Bastilha, acabando recuperado por Arnoux de Saint-Maximin e tornado público pela primeira vez mais de um século depois, em 1904, pelo médico alemão Iwan Bloch sob o pseudónimo de <Eugène Dühren>.”

(Paul B. Preciado, Manifesto Contra-Sexual, 2002, pp. 33-34)

A montagem teatral de *A Filosofia na Alcova* que originalmente se chamava *Sades ou Noites com os Professores Imorais*, teve a sua estreia em junho de 1990 no Teatro Guaíra, em Curitiba, Brasil, esse texto é um marco para a companhia e veio como uma forma de denúncia urgente sobre a situação de horror em que o Brasil estava passando naquele momento e também um grito do próprio grupo diante das várias decepções pessoais, profissionais e políticas. O próprio Rodolfo García Vázquez conta no livro sobre a companhia, escrito por Alberto Guzik, que a estreia do texto de Sade foi algo tão louco que eles tinham até uma rota de fuga para caso houvesse alguma manifestação violenta do público e que durante o espetáculo, parte do público se levantou, deixando o teatro. No final não houve aplausos, apenas silêncio – O público estava em estado de choque! Após alguns longos minutos de quietude, a própria equipe iniciou uma salva de palmas, o que foi seguido discretamente pelo público. Em setembro de 1990 o grupo estreou *Sades* em São Paulo, já no Teatro Bela Vista, local onde eles passariam dois anos em ocupação.

Em Portugal depois de se apresentarem num festival na cidade do Porto com *Saló, Salomé*, parte do grupo ficou na Europa, mais especificamente em Lisboa. O grupo estava visando grandes festivais, como o de Avignon e Edimburgo e então decidiram remontar *Sades*, dessa vez com um elenco bastante reduzido. Essa nova montagem europeia teve 40 dias de ensaios num sindicato de hotéis e estreou no Teatro Ibérico, em Xabregas, na época completamente abandonado e que outrora fora uma igreja barroca do fim do século XVII.

A peça foi um grande sucesso e além do elenco brasileiro: Ivam Cabral, Silvanah Santos, Andrea Rodrigues, Daniel Gaggini, Silvia Altieri, Bia Almeida e Marcelo Moreira, contava com o ator português José Pedro Laginha.

A versão luso-brasileira já não chamava *Sades*, ou *Noites com Professores Imorais*, mas sim *A Filosofia na Alcova*, o ano era de 1993.

OS SATYROS
apresentam

SADES
OU NOITES COM OS PROFESSORES IMORAIS



Concepção.:
RODOLFO VAZQUEZ GARCIA

Estréia Nacional: Junho/90 - Teatro Guaira
auditório Salvador de Ferrante, Curitiba/PR

(Cartaz de divulgação da primeira versão de *Sades ou Noite com os Professores Imorais*, 1990 –
Foto: Acervo Os Satyros)

Na impossibilidade de nos encontrarmos presencialmente, o Rodolfo e eu tínhamos constantes conversas por videochamadas, das quais geralmente falávamos sobre o universo d'Os Satyros e também sobre a história e trabalhos do grupo. A primeira peça sugerida para eu assistir foi o registro de *A vida na Praça Roosevelt*, essa peça que é crucial para entender melhor a companhia, já que a história desse local se confunde com a própria história d'Os Satyros. O texto foi originalmente escrito pela dramaturga alemã *Dea Loher* e teve a direção do Rodolfo García Vázquez, que com esse trabalho ganhou o prêmio *Shell* de melhor direção.

Aliás, a Praça Roosevelt e os seus habitantes foram os grandes responsáveis a levar o coletivo a se descolar da influência teatral eurocêntrica e passar a se dedicar a temas originais ligados à cena da metrópole Paulistana. Só para nos situarmos, o local onde a sede d'Os Satyros está já serviu como hotel de prostituição de travestis e está localizado numa área que antes era conhecida por ser uma das regiões mais perigosas da cidade.

A cada nova conversa por videochamada com o Rodolfo, ele me recomendava assistir uma peça diferente da companhia para depois discutirmos sobre a temática, a pertinência e os significados das cenas; isso foi muito importante para entender melhor o espírito da companhia, além de, na época, ser a única forma de assistir teatro. *A Vida na Praça Roosevelt*, em especial, me ajudou a absorver melhor o ambiente em que eles estavam inseridos, já que o texto reúne várias histórias reais de habitantes e frequentadores dessa praça, que embora esteja localizada no coração de São Paulo – Brasil, essa representação e situações dramáticas poderiam acontecer em qualquer grande metrópole do mundo.

A convivência do grupo com os habitantes da praça Roosevelt despertou muitas inquietações, mas a principal foi o questionamento moral de como continuar um fazer teatral baseado na herança europeia face à nova realidade de violência em que estavam inseridos? E foi justamente esse convívio com a criminalidade, tráfico, prostituição e mesmo ameaças de morte que foi moldando a nova estética e temáticas d'Os Satyros.

Se integrar com a comunidade local foi um ato de resistência e coragem que traria muitos frutos artísticos e sociais, além de dar voz aos marginalizados e silenciados. Essa convivência fez com que o coletivo refletisse sobre o seu trabalho e sua própria identidade artística resultando num discurso e estética próprios e bastante singulares, criando uma nova linguagem para o teatro *underground* paulistano. É muito importante ressaltar que outrora, o termo *underground* era utilizado como uma forma de desmoralização e inferiorização, mas hoje, esse mesmo termo foi ressignificado e atualmente o usamos como uma forma *cool* de chamar o teatro experimental, fora do circuito comercial e que busca levantar discussões sobre temas controversos.

Mas seria possível, através do teatro, modificar aquele local tão marginalizado? Numa palestra dada pelo cofundador da companhia, Ivam Cabral, sobre *O Ator Digital* para a (pós) *Satyrianas 2020*, no dia 08 de dezembro de 2020, ele disse que, junto com o Rodolfo G. Vázquez, se deram o prazo de cinco anos para transformar o entorno; a contagem começou no ano de 2000, mas em apenas dois anos tanto as mudanças

arquitetônicas e urbanísticas quanto as mudanças sociais começaram acontecer, e o coletivo, ainda solitário na Praça Roosevelt, começou a conquistar o reconhecimento de críticos e mídia especializada.

Embora no ano de 2020 o grupo tenha comemorado os 20 anos desde a chegada na praça e hoje conta com bastante respeito no meio teatral (e fora dele), as estruturas do local se mantêm bastante parecidas desde a sua inauguração: a extrema proximidade do público com os artistas e a ausência de poltronas confortáveis, por exemplo, já se tornaram características físicas do teatro. Para se ter uma ideia, o ar-condicionado só foi colocado a pouco tempo atrás, quando já não se podia mais aguentar as altas temperaturas. Isso tudo não acontece por falta de verba, mas sim, como uma forma de se autocaracterizar e também como uma atitude política de não tornar aquele ambiente *underground* em algo impenetrável e luxuoso. As mesinhas na calçada, dando uma atmosfera de “boteco”, também ajudaram a atrair mais pessoas para o teatro, sendo que grande parte desse público eram as próprias personagens reais que por ali perambulavam, muitas transexuais e meninos do tráfico, foram sendo incorporados e incluídos de maneira bastante fluída para aquele estranho ambiente artístico.

“Os que pretendem separar o teatro da política pretendem conduzir-nos ao erro – e essa é uma atitude política. ...pretendo igualmente oferecer algumas provas de que o teatro é uma arma. Uma arma muito eficiente. Por isso, é necessário lutar por ele. Por isso, as classes dominantes permanentemente tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação. Ao fazê-lo, modificam o próprio conceito do que seja “teatro”. Mas o teatro pode igualmente ser uma arma de liberação. Para isso, é necessário criar as formas teatrais correspondentes. É necessário transformar.”

(Augusto Boal, Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas, 1975, p. 11)

O Ivam conta que uma vez precisavam de alguém para realizar um trabalho temporário e contrataram um rapaz; quando a tarefa estava próxima de terminar, o jovem o procurou pedindo que lhe desse uma oportunidade de emprego pois ele estava desesperado sabendo que iria ficar desamparado em breve, o adolescente ainda confessou que antes de chegar para realizar a sua função, naquele mesmo dia, tinha assaltado uma mulher, lhe roubando a bolsa, mas que estava com muita consciência pesada e não conseguia parar de pensar no rosto daquela senhora, a vítima. Ele não queria mais pertencer aquela realidade. A oportunidade pedida foi dada ao rapaz que trabalha até hoje na SP-Escola de Teatro, uma extensão do grupo Os Satyros.

5. OS SATYROS E A COMUNIDADE LGBTQIA+

“...em busca de representação nas esferas institucionais e midiáticas, categorias assimiláveis da <diversidade> são produzidas para ser integradas: o gay branco musculado, a lésbica sexy, o casal monogâmico de classe média, a nova família nuclear, o <novo normal>. E trata-se de facto de produção, não de mobilização: não são apenas corpos que existiam previamente e são agora considerados aceitáveis, mas discursos e práticas – o ginásio, a cosmética, a dieta, os suplementos, as hormonas, a cirurgia (<estética> ou não), a selfie, o casamento, a identidade jurídica, as apps de engate – que constituem materialmente corpos e relações ... Não é, portanto, de espantar que, quanto mais a <comunidade gay> encontra <a sua identidade, a sua cultura>, maiores sejam esses excessos da representação. O custo de uma política LGBT respeitável são as bis, xs trans, as putas, as negras, as frígidas, as fufas, as paneleiras, as poliamorosas, as gordas, as fracas, as bichas, as deficientes, as promíscuas, e claro, as pobres, permanentes cornudas das emancipações de tema único. Com tantas deixadas nas margens, não é difícil ver que aquilo que ganhamos em banqueiros e deputados gay perdemos no combate à homofobia”

(Pê Feijó, para o prefácio da versão portuguesa do Manifesto Contra-Sexual – de Paul B.Preciado, 1ª Edição, 2019, pp. 18-19)

Os Satyros têm uma forte história com a comunidade LGBTQIA+ e é difícil falar da companhia sem falar sobre questões de identidade, e em especial das travestis e transexuais, que embora não seja um tema exclusivo, está bastante presente em suas produções. Durante o começo da pandemia, um estudante da Universidade de São Paulo - USP, Manfrin, quis entrevistar o Rodolfo para a sua dissertação de mestrado para falar sobre a relação d’Os Satyros com a inclusão social, questões de gênero e das lutas identitárias e o Rodolfo me chamou para acompanhar. A entrevista que inicialmente teria uma sessão, foi dividida em duas partes de aproximadamente duas horas. Manfrin encara como um ato político usar um nome social neutro de gênero, além de se recusar a utilizar um sobrenome. Faz isso como uma forma de rejeitar a herança de uma sociedade tradicionalmente patriarcal.

“Heteronormatividade: Descreve a tendência do sistema sexo-gênero ocidental contemporâneo de enxergar as relações heterossexuais como a norma, e todas as outras formas de comportamento sexual como desvios dessa norma.”

(Tamsin Spargo, Foucault e a Teoria Queer, 2017, formato e-book Kindle posição 622)

“Normatividade: Um tipo de operação de poder que estabelece e promove um conjunto de normas (de comportamento, de existência). Enquanto o “normal” pode ser estabelecido estatisticamente, as normas tendem a ser estabelecidas moralmente e têm a força de imperativos. A heterossexualidade pode ser “normal” em termos estatísticos, mas a normatividade das formas atuais de entender o sexo lhe garante a condição de norma, definida contra as práticas e os desejos a-normais. O aspecto mais perturbador da normatividade é a “normatização” pela qual as normas se mantêm. Foucault tentou definir práticas e culturas não normativas, bem como explorar o normativo e o normatizador.

(Tamsin Spargo, Foucault e a Teoria Queer, 2017, formato e-book Kindle posição 626)

Falar sobre questões identitárias é muito importante para entender melhor a história d’Os Satyros, pois desde a sua chegada na Praça Roosevelt, no fim do ano 2000, a

inclusão de atuantes transexuais foi sempre corrente. No ano de 2004, por exemplo, foi escrito pelo Rodolfo um texto intitulado *Transex*, a partir das experiências vividas na Praça Roosevelt com prostitutas, michês, traficantes e travestis. A peça, que teve uma remontagem em 2018, abordava de uma forma quase lúdica o romance entre duas personagens transexuais com situações reais e ficcionais. Numa das conversas particulares por vídeo e também na entrevista para Manfrin, o Rodolfo contou a história da chegada à Roosevelt, esse local que tradicionalmente sempre foi um lugar da resistência LGBTQIA+ levou o grupo a ter contato diário com os habitantes da praça, e essa convivência com a comunidade, levou o coletivo a repensar e incluir de forma bastante fluída e natural as questões de visibilização trans. E foi num (re)encontro casual com uma jovem travesti que tudo mudou...

“O casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito à maior descrição, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa. Em compensação, o que interroga é a sexualidade das crianças, dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas. Todas essas figuras, outrora apenas entrevistadas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são escutadas; e se novamente for interrogada, a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidades periféricas, através de um movimento refluxo.”

(Michel Foucault, *História da Sexualidade, a Vontade do Saber*, 1976, p. 43)

“Mais tarde, Butler (a filósofa Judith Butler) utilizará esta noção da performatividade para entender os actos de fala nos quais queers e trans torcem o pescoço da linguagem hegemónica apropriando-se da sua força performativa. Butler designará por “performatividade queer” a força política por trás da descontextualização de um insulto homofóbico e da inversão das posições hegemónicas de enunciação que ela provoca. Assim, por exemplo, queer deixa de ser um insulto proferido por heterossexuais para marcar os homossexuais como “abjectos”, para passar a ser a autodenominação contestatária e produtiva de um grupo de “corpos abjectos” que pela primeira vez se apoderam da palavra e reclamam uma identidade própria.”

(Paul B. Preciado, *Manifesto Contra-Sexual*, 2002, p. 64)

Quando Os Satyros voltam para São Paulo, encontram casualmente com a Bibi, ela que na década de 1990 se chamava Marcos, fora oficineira d’Os Satyros e vendia doces na porta do Teatro Bela Vista, agora era conhecida como *Big Loira*, além de se prostituir, fazia shows em casas noturnas gays e tinha mudado a sua aparência física com vários procedimentos cirúrgicos para sua readequação de gênero. Foi através dela que chegaria até Os Satyros a personagem que se transformaria numa das maiores divas do grupo: Phedra d. Córdoba, uma mulher transexual cubana, que começou a sua carreira em Havana e que fugiu de lá antes de *Fidel Castro* tomar o poder em 1959. A artista tinha passado por vários países da América Latina antes de chegar ao Brasil trazida por um importante diretor de teatro de revista; na época da chegada do Satyros na Praça Roosevelt a Phedra vivia com a Big Loira.

Na verdade, a chegada do coletivo à praça Roosevelt não foi tão bem-vinda; Os Satyros foram recebidos com bastante hostilidade e insegurança, pois os habitantes da praça imaginavam que o grupo iria querer expulsá-los de lá, assim, as duas fizeram

o intercâmbio e apresentaram oficialmente os dois fundadores d'Os Satyros, Rodolfo G. Vázquez e Ivam Cabral, ao universo *Trans* da Praça Roosevelt e então o coletivo começou a trabalhar, de forma cada vez mais aprofundada, com essa temática. Foi também com essa convivência, pouco a pouco mais amigável, que os membros do coletivo perceberam que não podiam mais ficar apáticos à essa nova realidade que agora estavam inseridos e que precisavam dar voz aos silenciados da sociedade.

Na peça digital *A Arte de Encarar o Medo*, tive a oportunidade de trabalhar com a Márcia Dailyn, ela que além de atriz foi a primeira bailarina travesti do *Theatro Municipal de São Paulo* e é também a diva atual do Satyros, da Praça Roosevelt e do bloco de Carnaval *Acadêmicos do Baixo Augusta*. A Márcia é do interior de São Paulo, Jales, e veio para São Paulo em busca do sonho de ser artista. Além de ter realizado o seu desejo, a Márcia se considera (e realmente é) uma vencedora somente pelo fato de estar viva, já que segundo a *Antrabrazil* (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) o Brasil continua sendo o país que mais mata travestis e transexuais no Mundo. Só para se ter uma ideia, a expectativa de vida de transexuais é de apenas 35 anos, metade da média nacional brasileira. A Márcia tem 42.

No grupo Os Satyros é como se a Márcia Dailyn tivesse herdado o lugar que antes era de Phedra D. Córdoba, aliás, ela viveu a própria Phedra na peça *Entrevista com Phedra*, escrita por Miguel Arcanjo Prado, sendo inclusive, indicada a melhor atriz de 2019 pelo *Prêmio Aplauso Brasil*. Esse reconhecimento é muito importante para romper as barreiras do preconceito tão enraizadas na classe artística.

Aliás, a ligação de Márcia Dailyn com Phedra D. Córdoba vai além morte, pois parte das cinzas da diva cubana, morta em 2016, ficaram com a diva brasileira Márcia, e sempre em eventos importantes do Satyros, uma estreia, ou abertura das *Satyrianas*, por exemplo, uma quantidade das cinzas de Phedra são jogadas no local como um símbolo da presença e da representatividade, eternizando assim a primeira grande diva trans da Praça Roosevelt e dos Satyros.

Na segunda parte da entrevista do Manfrin com o Rodolfo G. Vázquez foi feita a pergunta sobre o porquê dessa ligação tão forte entre o grupo Os Satyros e as questões de identidade Trans, a qual foi respondida prontamente que na verdade nunca foi algo pensado premeditadamente, mas sim, algo que aconteceu de forma bastante natural e fluída por diversos motores: pelas questões da localização da Companhia, a Praça Roosevelt; a convivência com o ambiente; além, evidentemente, das já citadas: Phedra D. Córdoba e Big Loira.

O Rodolfo falou também da grande dificuldade de encontrar transexuais masculinos para trabalhar. Uma das experiências mais marcantes com homens trans no grupo foi com Leo Moreira e Sá. O encontro com o Leo foi uma casualidade, aconteceu durante as pesquisas iniciais para a peça *Hipóteses para o Amor e a Verdade*, nessa altura, o grupo percorreu diversos centros de atendimento à população trans, onde além de tratar problemas de toxicod dependência ajudam essas pessoas a saírem da prostituição e a serem inseridas no mercado de trabalho.

O Léo, ainda quando se chamava Lourdes Helena, a “Lou”, foi baterista de uma das mais importantes bandas do pós-punk brasileiro – *As Mercenárias*, e embora, outrora, tenha sido uma *popstar* feminista do *undeground* brasileiro, foi presa por tráfico, e quando foi encontrada pelos Os Satyros, ainda tinha uma atitude extremamente desconfiada, fazendo uso de um palavreado bastante pesado.

O exemplo do Leo é muito relevante porque em várias entrevistas ele diz que o ato de assumir a sua sexualidade e a sua transgeneridade se torna automaticamente uma forma de se expressar politicamente através do seu próprio corpo e do próprio existir. Aliás, o Leo, dividiu com o Rodolfo García Vázquez o *Prêmio Shell de Teatro* na categoria de iluminação, no ano de 2012, pelo espetáculo *Cabaret Stravaganza*, e com o dinheiro do prêmio a Lou fez uma cirurgia de mastectomia, readequando definitivamente o seu corpo para Leo.

É importante citar que embora a cia teatral não seja exclusivamente LGBTQIA+, aliás muitos dos atores e técnicos se definem como heterossexuais, Os Satyros, é uma companhia bastante democrática e que além de abraçar a causa LGBTQIA+, apoia várias outras causas das consideradas “minorias” pela sociedade “padrão”.

No espetáculo *Pink Star* (2017), por exemplo, o Rodolfo - já muito mais envolvido com essas questões de identidade / gênero do que quando o grupo chegou na Praça Roosevelt - quis explorar o assunto da violência e abuso dentro do ambiente sexual e como a identidade de gênero se dá dentro do círculo familiar. Esse espetáculo foi muito importante tanto para o elenco quanto para o público e levanta diversos questionamentos para o confronto com a nossa própria sexualidade, além de trazer a inquietação de como a transsexualidade ajuda a moldar a cisgeneridade com todas as suas comparações. Essas questões são fundamentais para entender a opressão de gênero e todas as possibilidades de construir, desconstruir e moldar os nossos corpos e formas de pensar.

Além de *Pink Star*, fizeram parte da *Trilogia do Antipatriarcado* (2017 – 2018) o espetáculo *Cabaret Transperipatético* e *Transex*, todos eles inspirados nas teorias da identidade de gênero de *Judith Butler* e *Paul B. Preciado*.

“O processo de imprimir os chamados órgãos vitais, como os rins e o fígado, encontra-se já numa fase de teste, embora os laboratórios de biotecnologia experimental ainda não tenham encarado a questão da impressão de órgãos sexuais. Dizem que têm de estabelecer-se limites éticos. Mas de que ética estão a falar? Por que razão havemos de poder imprimir e enxertar um rim e não um pênis, uma vagina ou uma pila-clitóris? Deve considerar-se a estética da diferença sexual como um limite ético à transformação do corpo humano? Deverão as normas patriarcais e heterossexuais ser consideradas éticas? Gutenberg também foi perseguido quando afirmou, em 1451, que seria capaz de imprimir em poucas semanas cento e oitenta cópias da Bíblia (alegadamente a palavra de Deus), constituídas por quarenta e

duas linhas de texto por página – algo que apenas os monges autorizados podiam fazer à mão num processo que levaria meses.”

(Paul B. Preciado, Manifesto Contra-Sexual, 2002, p. 46)

Os Satyros é uma das únicas companhias que cede lugar de fala em primeira pessoa às pessoas trans sem acentuar ou reproduzir o preconceito, embora mostrem como funciona a máquina do discurso do ódio, algo que não podemos positivar. Mas como falar da invisibilização trans e da opressão sexual? Deveríamos silenciar as vozes opressoras?

As questões identitárias sempre estiveram presentes também na escola *SP – Escola de Teatro*, quando desde a sua fundação, no ano de 2010, foi discutido a inserção e inclusão da comunidade da Praça Roosevelt na sua grade de funcionários, de tal maneira que várias travestis trabalham em diversas funções das dependências das escolas, tanto da Roosevelt quanto da sede do Brás, uma delas é a já citada Márcia Dailyn, a qual foi convidada pelo Ivam Cabral, durante o decorrer da primeira produção digital do grupo, para integrar a grade de funcionários que cuida dos projetos especiais, além de coordenar o projeto *Transvisão*. A Márcia, durante a pandemia, conciliava o seu trabalho de atriz com o de auxiliar de manipulação numa farmácia.

O Rodolfo conta que trabalhar com as travestis, no começo, não foi tarefa das mais fáceis, já que muitas delas tinham deixado a escola muito novas e não tinham a qualificação necessária para as funções requeridas, algumas delas, inclusive, ainda se prostituíam para sobreviver.

Embora na posição de excluídas sociais, essa falta de qualificação, muitas vezes, era o gatilho para que elas fizessem cursos de especialização ou frequentassem cursos superiores, e ainda existem alguns casos de funcionárias, que inclusive, deixaram de trabalhar na *SP – Escola de Teatro* para assumirem posições em órgãos do governo. É relevante salientar que no ano de 2010, ano de inauguração da SP, as discussões de identidades, com todas as suas multiplicidades, ainda eram muito rudimentares e polêmicas no Brasil.

“Atualmente, nossa tarefa é compreender a sexualidade. Hoje em dia, a compreensão plenamente consciente do instinto sexual importa mais do que o ato sexual.”

(D.H. Lawrence para Michel Foucault – História da Sexualidade, a Vontade do Saber – 1976, p. 172)

6. A CHEGADA À NUVEM

“As formas de relação e comunicação substituíam-se em sucessão e sobreposição com grande rapidez: mIRC, MSN, SMS, Hi5, Hotmail, Facebook, Instagram... Para algumas houve desde cedo tecnologias de transformação corporal reconhecíveis, comprimidos para crescer ao ritmo certo, dispositivos para endireitar membros, máquinas para gerir açúcares e gorduras, aparelhos para corrigir dentes, a audição ou a visão. Muitas fomos medicadas desde cedo e eventualmente ninguém lhe escapou: foram as vacinas, os ibuprofenos, as pílulas, as aspirinas, as gansas, os supositórios, as hormonas, os ácidos, as proteínas para o ginásio, os ansiolíticos, o creme para a acne, as vitaminas suplementares, os antidepressivos... Corpos expandidos, domesticados, melhorados, modificados, regulados, domados, libertados; corpos em simbiose com tecnologias electrónicas e hormonais, não só rodeados de media mas eles próprios feitos meio. De tal forma seres ciborgues, aquilo que era inicialmente estranho no Manifesto não era a ideia de não haver uma distinção clara entre natureza e tecnologia ou a de sermos seres fabricados por aquilo que fabricamos; o estranho era como é que algo tão radical nunca tinha sido evidente: como é que nunca tinha visto com clareza esse cibercordão hormonoumbilical. Aí uma proximidade brutal, como quando se lê algures um pensamento que sempre tivemos mas nunca tínhamos conseguido formular.”

(feijó, pê para o prefácio da versão portuguesa do Manifesto Contra-Sexual – Preciado, Beatriz - 1ª Edição, 2019, pp. 24-25)

Com o encerramento dos teatros e o cancelamento abrupto de todas as produções dos espaços físicos d’Os Satyros, ainda em março de 2020, o grupo começou a se reunir para iniciar um projeto completamente digital, Os Satyros já vinham pesquisando há anos sobre *Teatro Cyborgue* e realizado várias experiências cênicas do gênero, mas nunca em sua história tinham feito teatro completamente on-line. A própria tese de mestrado do Rodolfo, com especialização em Teatro, apresentada à Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, aborda a presença de novas tecnologias dentro do fenômeno teatral.



(Divulgação da primeira versão digital de *Todos os Sonhos do Mundo* para as mídias sociais, 2020 – Foto: Acervo Os Satyros)



No começo da pandemia, alguns grupos liberaram suas peças gravadas para internet, mas o Ivam Cabral, que estava em cartaz com o seu monólogo *Todos os Sonhos do Mundo*, fez diferente, e iniciou oficialmente, no dia 27 de março, Dia Mundial do Teatro, uma temporada digital dessa peça, completamente ao vivo e gratuita, com transmissões feitas a partir do corredor do seu apartamento através das *lives* na sua página do *Instagram* e, simultaneamente, a partir do *Youtube*, iniciando de forma bastante despreziosa e improvisada a sua carreira virtual.

7. O PROCESSO DO FAZER TEATRO DIGITAL E O SER ARTISTA DIGITAL

Ao entrar para “Nuvem”, como o próprio Ivam gosta de falar, surgiu a ideia de reunir alguns atores, os mais antigos da companhia, e realizar um projeto com linguagem inteiramente pensada para internet, começando do zero. O tema pensado para esse projeto foi a distopia e embora alguma coisa do roteiro já estivesse definida pelos criadores, o Rodolfo García Vázquez e o Ivam Cabral, o grupo trabalhou através do sistema de *devising*, técnica muito utilizada pelo Os Satyros onde todos os artistas partilham o processo de criação artística através de cenas improvisadas, que eventualmente são incorporadas ao espetáculo. E mesmo com os ensaios à distância esse processo não foi diferente.

O sistema de *devising* dialoga diretamente com o *Teatro Veloz*, método de preparação de ator desenvolvido pelos Satyros e que busca: a desalienação do ator, o ator como fundador de sua própria existência, e, portanto, de sua própria arte.

No dia 1º de maio, um feriado, fomos convidados a assistir uma palestra que o Rodolfo daria para a cidade de Cuiabá; essa palestra falava sobre questões da arte na quarentena e sobre filosofia, foram citados nomes como *Paul B. Preciado*, *Byung-Chul Han* e *Judith Butler*, nomes que estavam diretamente relacionados com a minha pesquisa inicial, o que me deixou bastante animado. Confinados e ainda no começo da quarentena, falamos também sobre o significado da liberdade nas suas mais diferentes formas.

“Hoje eu gostaria de falar da necessidade de reconhecimento público dessas perdas que continuam desconhecidas e sem chorar. E para fazê-lo, começarei com uma pergunta: em que circunstâncias é possível lamentar uma vida perdida? De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público? Quais são essas vidas que, se perdidas, não serão consideradas em absoluto uma perda? É possível que algumas de nossas vidas sejam consideradas choráveis e outras não? Faço essas perguntas difíceis e perturbadoras porque eu, como vocês, me oponho à morte violenta; à morte por meio da violência humana; à morte resultante de ações humanas, institucionais ou políticas: à morte provocada por uma negligência sistêmica por parte dos estados ou por modos de governança internacionais”
(Judith Butler, *El País* – Edição Brasil, 2020 – 10.07.2020 – ver webgrafia)

No dia seguinte, 2 de maio, tive o meu primeiro encontro virtual, através da plataforma *Zoom*, com o elenco que iria participar desse novo projeto (ainda sem nome ou mesmo um texto definido), além das apresentações pessoais, já que eu era o único que não os conhecia pessoalmente, começamos imediatamente o trabalho e iniciamos oficialmente o processo de criação.

Os ensaios começaram a seguir o seguinte padrão: O Rodolfo sugeria temas e fazia algumas provocações para criarmos improvisações, nesse estágio realizávamos gravações de vídeo, as quais posteriormente, no dia seguinte, eram apresentadas e discutidas pelo grupo.

A forma de trabalhar on-line foi bastante semelhante com a usada tradicionalmente pelo grupo. Alguns dos temas propostos durante o processo foram: medos; política; sexo; religião; solidariedade; entre outros. Foi criado um grupo criativo no *Whatsapp*, esse mesmo, que posteriormente se transformou na coxia virtual do espetáculo,

servindo como meio de comunicação para o caso de algum intérprete ficar sem internet, sugerir intervenções em tempo real no decorrer da peça e muitas brincadeiras. A primeira etapa das improvisações era no formato de vídeos gravados e trabalhávamos apenas solos.

Paralelamente a esse projeto, o Rodolfo começou a fazer *lives* diárias no *Instagram*, do qual intitulou *Diário de Quarentena*, uma espécie de diário de bordo onde ele falava sobre a política brasileira e mundial nos tempos da pandemia, sobre como os políticos de cada país enfrentavam a crise da Covid-19, além de refletir e desabafar sobre os seus próprios medos pandêmicos.

E foi justamente sobre os nossos medos, receios e dúvidas frente à pandemia que foi o primeiro tema das improvisações por vídeo. Sendo que para a segunda improvisação, fomos desafiados a escolher a uma das histórias dos nossos colegas de elenco para nos inspirarmos na criação de novas improvisações gravadas.

Eu me inspirei no vídeo da atriz Nicole Puzzi, no qual ela afirmava não ter medo da morte; o trabalho apresentava o tema da solidão e trazia uma imagética bastante sombria, causando um efeito “claro / escuro” me lembrando pinturas de *Caravaggio*. O vídeo da Nicole foi bastante intenso e corajoso, já que carregava muitas das suas fragilidades pessoais.

Na primeira semana de trabalho, o nosso diretor Rodolfo nos pediu para sermos um pouco menos herméticos e mais diretos e realistas nas mensagens que queríamos passar nas improvisações e juntos tentávamos descobrir uma linguagem que comunicava com simplicidade, sem ser superficial, mas contendo camadas a serem desveladas; lembro-me de o Rodolfo exemplificar com a peça *Esperando Godot* de *Samuel Beckett* e do Ivam com os filmes de *Woody Allen* e *Ingmar Bergman*.

Durante os ensaios diários, discutíamos frequentemente sobre a presença *cyborgue* e o quanto ela é diferente da presença espectral do cinema, além da experiência do fazer teatral num dispositivo que não foi pensado para esse fim. A plataforma escolhida, tanto para os ensaios quanto para o espetáculo, foi a *Zoom*, que foi criada inicialmente para reuniões corporativas e aulas à distância, o que não impediu de começarmos a utilizar as suas ferramentas de forma engenhosa para criarmos efeitos artísticos e chegarmos pouco a pouco a um resultado estético interessante.

Nessa altura, eu ainda achava muito estranho falar a palavra “ensaio”, já que não saíamos de casa para nossos encontros, ao mesmo tempo que tínhamos a possibilidade de reunir, ver e interagir com todos os atores juntos. Que tipo de presença era aquela que estávamos trabalhando?!

Através das conversas telefônicas com o Rodolfo e ao longo dos ensaios, pude perceber que o grupo já vinha fazendo experiências com o teatro digital e novas tecnologias desde 2009, sendo que essas pesquisas foram aprofundadas no projeto *E Se Fez a Humanidade Ciborgue em Sete Dias* (2014 – 2015), um conjunto de sete espetáculos com essa temática: *Não Amarás* (a experiência do amor e da solidão nas grandes metrópoles); *Não Fornicarás* (sobre as possibilidades do sexo digital e suas contradições); *Não Morrerás* (a exacerbação da tecnologia médica e farmacêutica e a dissolução da morte como experiência); *Não Permanecerás* (o impacto da

fragmentação dos conceitos de espaço e tempo em nosso cotidiano); *Não Saberás* (os conflitos entre a civilização pós industrial e a natureza); *Não Salvarás* (As formas digitais de religiosidade) e *Não Vencerás* (a luta pela expressão do indivíduo digital contra os poderes constituídos nas democracias representativas).

Na peça de 2010, *Hipóteses para o Amor e a Verdade*, por exemplo, tanto a plateia quanto os atores eram incentivados a permanecerem com seus telefones móveis ligados, sem deixar no silencioso e, caso tocasse, poderiam atender, e ainda, caso permitissem, ter a ligação incorporada ao espetáculo. Outra cena muito emblemática da peça, que abordava o tema da solidão e a busca de amor e afeto dos moradores do centro de São Paulo, era uma cena em que o ator Gustavo Ferreira desempenhava o papel de um rapaz pensando em suicídio e que ligava a cada apresentação para um serviço de “Disk Pizza” diferente, dizendo ser alguém vivendo em estado de extrema solidão e que estava pensando em tirar a própria vida. O atendente participava involuntariamente da cena, e mediante as suas respostas, a obra se alterava e se dava um espetáculo novo a cada apresentação. Podemos perceber, nessa cena em especial, a inserção de um dispositivo eletrônico na dramaturgia, fazendo-se essencial para o desenvolver dessa ação.

A experiência de ensaiar através das câmeras em nossos lares levantou muitas questões entre o elenco sobre o que estávamos fazendo, porque afinal não tínhamos exemplos a seguir. Na época chamávamos de *Teatro Cyborgue* ou mesmo de *Tecnoteatro*. Seria possível sentir emoção, ou mesmo passar emoção, e marcar presença teatral através de câmeras de telefones móveis e de computadores? Definitivamente não poderíamos seguir uma linha tradicional de teatro para chegar em algum lugar interessante... Não éramos os primeiros a transmitir teatro utilizando a internet, mas é provável que tenhamos sido os primeiros a desenvolver uma linguagem exclusivamente pensada para a rede.

“Como prótese de ouvido, o telefone, permite a dois interlocutores distantes estabelecer uma comunicação. A televisão é uma prótese do olho e do ouvido que permite a um número indefinido de espectadores compartilhar uma experiência simultaneamente comunitária e incorporada. O cinema poderia ser considerado retroativamente como uma prótese do sonho. As novas cibertecnologias sugerem o desenvolvimento de novas formas de sensibilidade virtual e híbrida do tato e da visão, como no tato virtual graças a ciberluvas. A arquitetura, bem como os automóveis e outros meios de transportes, são igualmente próteses complexas com as quais se podem ligar outras próteses-dos-sentidos, com os seus sistemas e redes de comunicação, desde a cablagem elétrica até ao computador. Nesta lógica de conectividade crescente, o corpo parece fundir-se com os seus órgãos protésicos, dando origem a um novo nível de organização e gerando uma continuidade orgânica-inorgânica (individual? Transpessoal).”

(Paul B. Preciado, *Manifesto Contra-Sexual*, 2002, pp. 194-195)

Além do Rodolfo, que é também um iluminador premiado, foram convocados para dar a orientação visual ao projeto a experiente cenógrafa, figurinista e designer de aparência de atores Adriana Vaz e o seu assistente Rogério Romualdo. Adicionada ao fato de não podermos nos encontrar pessoalmente, fomos confrontados com uma outra dificuldade técnica: Como estávamos no começo do confinamento e no auge da primeira onda da pandemia, todo o comércio não essencial estava completamente fechado, e o máximo que conseguíamos comprar era um ou outro adereço em algum site de compras online, como por exemplo: www.mercadolivre.com.br. Dessa forma, quase todos os figurinos e objetos cênicos utilizados no projeto que estávamos trabalhando foram acolhidos do acervo pessoal de cada atuante.

Fizemos vários testes de cenas, maquiagens, figurinos e iluminação, sendo que na impossibilidade de conseguirmos gelatinas coloridas, adaptamos luzes caseiras. A dificuldade em achar material era tanta que poucos tinham em casa, por exemplo, papel celofane colorido, então foi preciso muita criatividade e alguma sorte em ter os objetos para se fazer os efeitos de luz. Alguns do elenco utilizavam sacolas de supermercado, outros, peças de roupas, restos de tecidos, tampas de plástico no estilo *Tupperware*, além de aplicativos de telefone móvel que imitam jogos de luzes. A Adriana Vaz marcava reuniões online individuais com cada ator para ajudar a criar a imagética pensada para cada cena, procurando essa estética em diferentes ambientes das nossas próprias casas, o que também causa um efeito de *voyeurismo* para o espectador, sabendo que está visitando vários cômodos privados do atuante.

Em meio a esse projeto teatral o Ivam Cabral foi convidado para dirigir um videoclipe do cantor brasileiro Zeca Baleiro de forma completamente remota. A música é do cantor e compositor português Pedro Abrunhosa – “Tu Não Sabes”. O processo todo foi feito durante a quarentena e a equipe nunca chegou a se encontrar pessoalmente. O roteiro foi escrito pelo Ivam juntamente com o Zeca Baleiro. As filmagens foram dirigidas online pelo Ivam e teve a captação de vídeo feita pela própria atriz, Ana Rita Abdalla. Também estiveram na equipe desse trabalho a Adriana Vaz, Rogério Romualdo e Marcelo Amiky.

Com o decorrer dos ensaios, foram surgindo outras inquietações no grupo: qual seria o tempo ideal para uma peça para internet, um lugar onde tudo acontece tão rápido e facilmente as pessoas poderiam ter desvios de atenção?! Esse novo projeto era ousado e de grande risco para a companhia, já que Os Satyros mantinha uma história consolidada de mais de 30 anos – Por outro lado, caso fôssemos bem sucedidos, além do pioneirismo, esse projeto poderia abrir uma nova possibilidade para os artistas e técnicos do palco, totalmente impossibilitados de trabalhar durante a pandemia.

As improvisações eram normalmente criadas com cenas curtas, as quais vários elementos, ou mesmo, cenas inteiras, foram utilizadas na versão final da peça. Nossos encontros diários além de produtivos eram muito divertidos, e é muito importante enfatizar isso, pois fui descobrindo que mesmo sem conhecer os meus colegas de elenco fisicamente, começamos a desenvolver uma relação de afeto e amizade bastante intensa nos utilizando somente de dispositivos eletrônicos, e isso, de certa forma, foi dando uma luz de que poderíamos desenvolver uma presença cênica digital, a *telecopresença*. Além do contato nos ensaios, trocávamos mensagens durante grande parte do dia pelas redes sociais e em especial pelo *WhatsApp*, a nossa futura coxia.

O nosso diretor Rodolfo sempre foi muito enfático na questão de arriscarmos nas cenas e não termos medo de errar, afinal estávamos experimentando uma linguagem completamente nova. Antes da pandemia, vários grupos estavam em processo de ensaios tanto de peças teatrais de grupo como alguns monólogos, vários desses trabalhos foram transportados para a internet com a linguagem teatral tradicional de palco, porém sem público, apenas com câmeras, e essas, normalmente estáticas, captando as imagens. Alguns Teatros também disponibilizaram peças dos seus acervos. Mas definitivamente não era isso o que o Rodolfo e o Ivam queriam realizar, eles tinham em mente algo bem mais ambicioso e promissor: Levar a Praça Roosevelt para a Nuvem.

Na já citada *Hipóteses para o Amor e a Verdade*, por exemplo, os Satyros estavam na praça Roosevelt e o reconhecimento com o público era facialmente alcançado, muitos já conheciam o estilo do grupo; já em um trabalho a ser apresentado on-line seria algo muito mais abrangente e tínhamos a preocupação de atingir e dialogar com o maior número de pessoas, já que através da rede, o alcance seria nacional ou mesmo global, como viríamos a descobrir.

A quarentena, na verdade, acelerou algo que já era embrionário no grupo, o Teatro e a Internet. Uma coisa era certa: o Rodolfo e o Ivam não iam seguir o modelo tradicional dos palcos físicos e iam utilizar todas as suas experiências teatrais, de cinema e audiovisual neste trabalho. Aos poucos, algumas cenas de improvisações foram se tornando independentes do estilo teatral de palco e os nossos corpos físicos cada vez mais começaram a interagir com as tecnologias.

Mais dúvidas: E a linguagem do ator? Seríamos mais naturalistas, assim como na TV e no cinema, ou usaríamos uma linguagem mais teatralizada?

No dia 08 de maio de 2020 tivemos mais um ensaio e o tema proposto no dia anterior para gravarmos os vídeos de improvisação foi política, um tema onde todos nós tínhamos muito o que falar, já que a revolta com o (des)governo brasileiro era geral entre o elenco.

Um dos vídeos, o da atriz Mariana França, foi satirizando a personagem interpretada por Regina Duarte, a Viúva Porcina na telenovela *Roque Santeiro*, essa obra que ficou censurada pelo governo ditatorial na segunda metade dos anos 1970 por uma década.

Já em 2020, a outrora atriz de sucesso, Regina Duarte foi escolhida pelo presidente Jair Bolsonaro para ser a Secretária da Cultura do Brasil e teve um curto e polêmico mandato. Num dos pontos mais críticos da sua passagem pelo senado, em uma entrevista para *CNN Brasil*, a ex-atriz minimizou atos da ditadura militar, ofendeu a cultura e a própria história do país, além de dizer, em plena pandemia da Covid-19, que não arrastaria um cemitério nas costas porque ela era uma pessoa “leve e viva”.

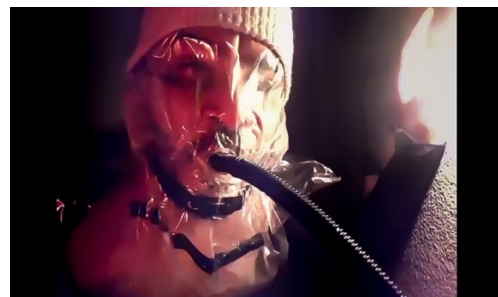
Na mesma semana, vazou um áudio de *Whatsapp* de uma conhecida coreógrafa de teatro musical, e também jurada de programas de televisão bastante populares no Brasil, como *Dancing Brasil* e *Domingão do Faustão*, onde ela surta e diz que os brasileiros nasceram para viver “na merda”; xinga o então governador e prefeito de São Paulo, João Dória e Bruno Covas respectivamente usando termos de baixo calão, além de ironizar as proibições e restrições impostas por causa da pandemia: sair de casa, trabalhar, beijar ou mesmo o uso ou não da Cloroquina.

Em outra improvisação, a atriz Julia Bobrow montou uma festa de aniversário virtual e de todas essas situações e improvisações nasceu uma das cenas mais cômicas do projeto, onde uma aniversariante, interpretada pela própria atriz Julia Bobrow, vai comemorar o seu aniversário de forma on-line, os convidados entram um a um, todos estão muito felizes e ansiosos para a reunião, até que a Julia começa a “quebrar o clima” da festa reclamando da vida e do governo, lentamente os seus amigos arranjam desculpas e vão saindo de sua festa virtual. É muito importante salientar que nesse projeto todos os atuentes usam os seus verdadeiros nomes, não existem personagens, somente nesta cena tem uma referência mais forte ao áudio citado da coreógrafa Fernanda Chama e uma das atuentes chama a Júlia de “Fê”.



(A Arte de Encarar o Medo, Cena Aniversário, Os Satyros 2020 - Foto André Stefano)

Eu fiz um vídeo sobre *fake news* e sobre a crença cega na religião; a atriz Nicole Puzzi fez um vídeo bastante visual e apocalíptico vestida de vermelho; o ator Silvio Eduardo, foi para um lado político bastante caricato, quase que circense; a atriz Sabrina Denobile fez um vídeo no espelho que falava sobre distância e o quanto era difícil pessoas que se amam estarem tão próximas fisicamente mas não poderem se tocar; e o ator Fábio Penna fez um vídeo externo correndo, falando sobre o alívio de ter se mudado de São Paulo para uma pequena cidade no Sul do Brasil. Grande parte desses vídeos sobre política foram fortes referências para as cenas que compõem o projeto final.



(Sabrina Denobile e Silvio Eduardo em A Arte de Encarar o Medo, Os Satyros 2020 – Fotos André Stefano)



(Gustavo Ferreira, Nicole Puzzi e Eduardo Chagas em *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 - Foto André Stefano)

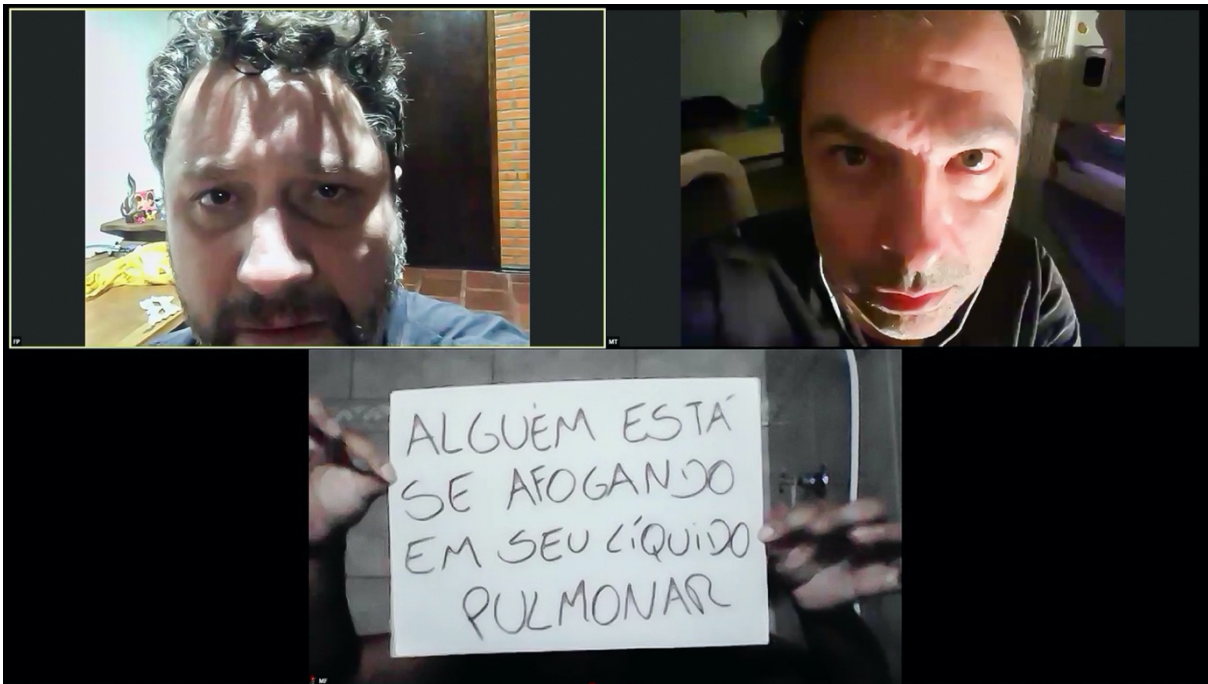
No dia 11 de maio de 2020 fomos desafiados pelo Rodolfo a trazeremos novas improvisações: o tema era livre; alguns falaram de solidão, da saudade e outros sobre suicídio, mas desta vez teria um diferencial, as cenas não seriam pré-gravadas, mas sim ao vivo, então, pela primeira vez desde que começamos com as improvisações teríamos a autêntica sensação do fazer teatral.

Aqui começava o maior desafio de ser um atuante digital em meio a um isolamento, pois além de *performer*, seríamos ao mesmo tempo nossos próprios técnicos, já que tanto no processo quanto no trabalho final, éramos nós atores que abríamos e fechávamos as câmeras, abríamos e fechávamos microfones, ajustávamos iluminação, etc. Outro ponto importante a se falar é o fato de que para se fazer teatro de dentro de nossas casas precisamos da colaboração de todas as pessoas que vivem conosco; eram poucos os atuantes que moravam completamente sozinhos e neste projeto usávamos vários cômodos como locação e cenário. Os locais utilizados nas cenas ficavam interditados durante os horários de ensaios e apresentações, além de existirem cenas dramáticas onde o volume da voz dos atuantes é bem intenso.

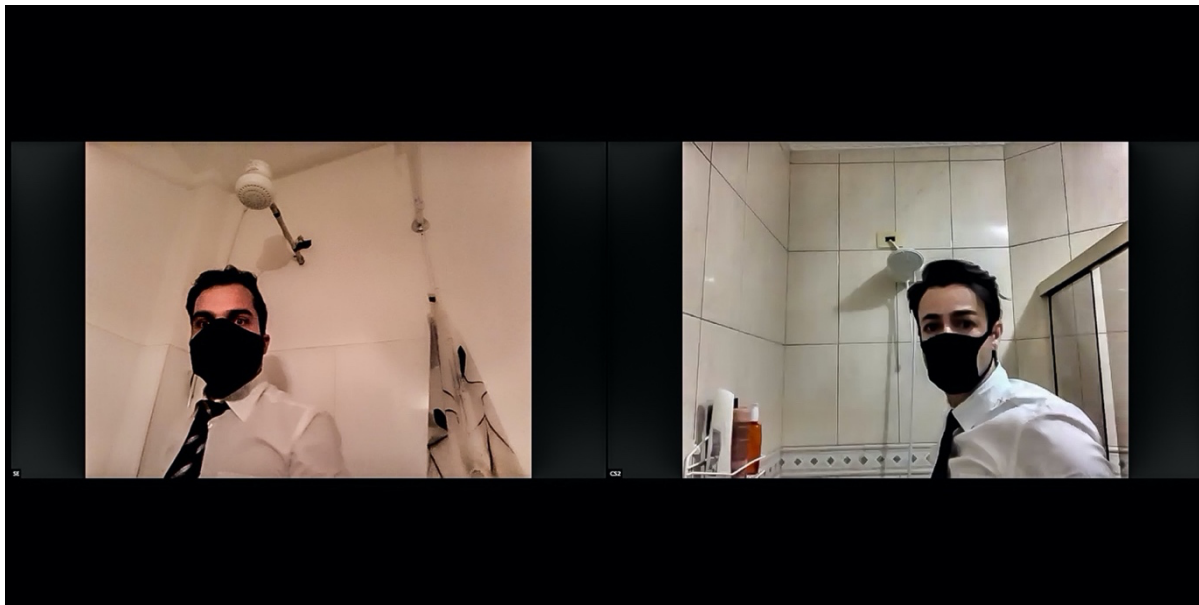
Temos vários casos engraçados entre o elenco: como por exemplo o da atriz Nicole Puzzi, onde numa cena política ela tem a casa invadida por agentes da ditadura; no começo dos ensaios o porteiro chegou a ligar várias vezes para saber se estava tudo bem no apartamento e se ela precisava de ajuda; ou como numa cena externa onde o ator Diego Ribeiro corre pelos corredores do prédio onde vive, alguns vizinhos também o abordaram para ajuda-lo, afinal, diferentemente de uma cena de TV ou cinema, que existe uma equipe de apoio, além do equipamento bastante característico

em que as pessoas rapidamente assimilam se tratar de uma gravação, nesse estilo de trabalho remoto pode parecer uma situação bastante real. Em outra cena, onde inclusive participo fazendo dupla com o ator Silvio Eduardo, estamos cada um no seu banheiro, no chuveiro, numa espécie de coreografia, enquanto uma outra atuante, a Mariana França, se afoga, os vizinhos do Silvio decoraram as falas (que no espetáculo são ditas em repetição e em gritos desesperados), e muitas vezes os residentes do lado diziam o texto junto com a gente.

Essa última cena, a que chamamos de “cena do banheiro”, na verdade, faz parte de uma grande sucessão visual que nasceu de várias improvisações de diferentes atuentes e resultou numa das sequências mais surrealistas e impactantes do espetáculo. Na versão final, dois homens, os atores Fábio Penna e Marcelo Thomaz, em um momento de ansiedade saem / fogem de suas casas e depois, através da tela do celular, leem os desabafos de uma mulher, a atriz Mariana França, que está em seu banheiro, fumando enquanto conta os seus problemas familiares através de várias placas, usando a escrita como forma de expressar os seus medos: da mãe alcoólatra que esconde bebidas; da mãe descobrir que ela fuma escondido no banheiro, além de lembrar que naquele exato momento em que estávamos assistindo àquela cena, milhares de pessoas morriam sem ar. Ela não suporta a dor e se afoga no chuveiro enquanto dois trabalhadores engravatados, César Siqueira e Silvio Eduardo entram em cena e assistem estáticos aquela morte. Não podendo fazer nada para ajudar aquela mulher, apenas observam, e de forma histérica tomam banho na tentativa de se livrarem da praga invisível. A reunião dessas várias cenas com múltiplos artistas entrando e saindo das câmeras resultou numa sequência com muito movimento e requereu bastante sincronia entre todos os atuentes, já que em alguns momentos não tínhamos nenhum som para nos guiar.



(Fábio Penna, Marcelo Thomaz e Mariana França em *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto André Stefano)



(Silvio Eduardo e César Siqueira em *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto André Stefano)

Outra improvisação que foi determinante para a estética da peça foi a do ator Henrique Mello, que trouxe uma apresentação bem visual e bastante futurística, o que também nos trouxe alguma luz sobre o potencial imagético que poderíamos usar com os recursos da plataforma *Zoom*. O ator usou projeção de vídeo no próprio corpo usando-o como uma tela ou uma espécie de *Chroma Key*; essa improvisação foi uma das peças-chaves para montarmos outras cenas usando esse mesmo recurso. É muito curioso que nas conversas com o público, no final de todas as apresentações, essa é uma das cenas em que as pessoas mais nos questionam se de fato o espetáculo é inteiramente ao vivo ou com partes pré-gravadas.



(Henrique Mello em *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto André Stefano)

Com o decorrer dos ensaios e das novas ferramentas descobertas, o fato de sermos atuantes-técnicos foi se tornando algo cada vez mais fluído para todos, se antes era difícil até o fato de reunirmos todos na mesma sala virtual, agora já conseguíamos criar vários efeitos nas nossas cenas. Diariamente surgiam questões sobre a acessibilidade do público à plataforma, já que até para nós que já a estávamos utilizando há algum tempo tivemos dificuldades no início do processo.

Sempre no final das apresentações das improvisações, nós nos dividíamos em salas com pequenos subgrupos para discutir as cenas dos colegas e depois voltávamos para a sala principal com todos os artistas para discutirmos as nossas sensações. Após apresentar a primeira improvisação ao vivo e falarmos das nossas impressões, fomos solicitados pelo nosso diretor Rodolfo para que no dia seguinte rerepresentássemos as mesmas cenas com ângulos aperfeiçoados.

Paralelamente aos ensaios, o Rodolfo García Vásquez continuava com o seu *Diário da Quarentena* com *lives* diárias de aproximadamente 15 minutos no seu próprio perfil do *Instagram*. No dia 13 de maio eu participei da *live* juntamente com ele e falei sobre a chegada ao Brasil em plena pandemia, sobre meu estágio com *Os Satyros* e também conversamos sobre a situação política negacionista do governo brasileiro.

Neste mesmo dia tivemos um treinamento sobre a outra ferramenta que íamos utilizar além da *Zoom*, uma plataforma para aquisição de ingressos, a *Symppla*, já muito conceituada para venda de tickets para espetáculos no Brasil. Essa conferência com a *Symppla* foi muito útil para aprendermos alguns truques das duas plataformas, embora, grande parte dos efeitos visuais que foram utilizados no espetáculo nasceram da “tentativa – erro – acerto” trazidos pelos próprios atuantes do grupo. Mediante o uso criativo das plataformas, *Os Satyros* é constantemente citado nas palestras decorrentes da *Symppla*.

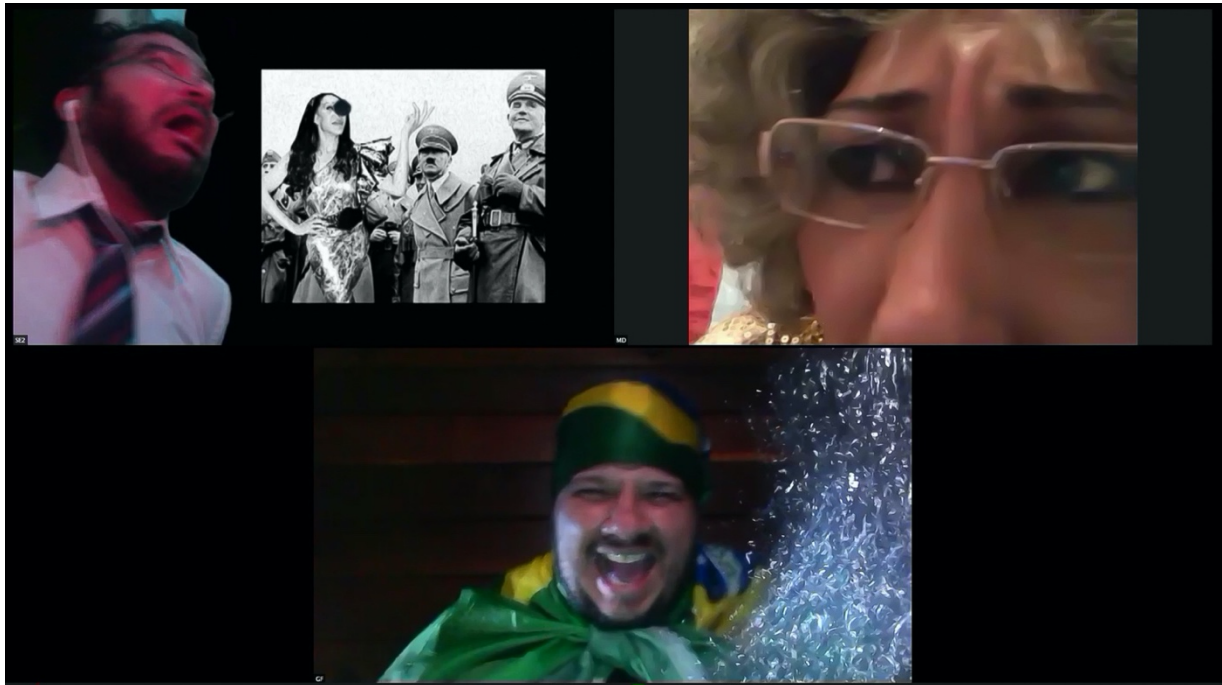
Diariamente, nos ensaios, testávamos técnicas de entradas e saídas de vídeo e de microfone, de forma que as transições ficassem fluídas e sem tela em branco, criamos uma das regras básicas do teatro digital: Sempre ligar o microfone antes da câmera e SEMPRE desligar o microfone ao sair. Não foram raras as vezes onde foram captados ruídos dentro das casas, risadas, conversas paralelas ou mesmo os animais domésticos que muitas vezes integravam as cenas de forma involuntária. Aprendemos também a como fixar mais de um participante ao mesmo tempo na tela, o que foi muito útil para o jogo dos atores.

Foi no dia 15 de maio que iniciamos um novo desafio nas improvisações: Fomos previamente divididos em duplas ou trios para começarmos a contracenar em cenas em conjunto. Eu fiz uma cena com a atriz Sabrina Denobile, onde um casal que acabava de se conhecer pela internet trocavam olhares e conversavam pelo chat, trocavam *emojis* e inclusive dançavam juntos. Nessa cena, usamos pela primeira vez o recurso da escrita, o que seria usado em duas cenas da versão final do nosso projeto: A cena dos “Medos” e os “Inumeráveis” onde o público, antes do início do espetáculo, era convidado a escrever os seus medos pandêmicos e também homenagear as vítimas do Coronavírus. Tanto os medos quanto os relatos eram utilizados na peça, o que fazia o espetáculo mudar todos os dias.

Nessas improvisações de grupo, começamos a brincar mais com as cenas e satirizar a tragédia que estava o mundo lá fora. A atriz Márcia Dailyn e o ator Henrique Mello, por exemplo, trouxeram uma cena bastante cômica chamado “Jornal Irracional”, uma sátira do jornal televisivo mais famoso do Brasil *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*.

E foi no grupo formado pelo Ivam Cabral, Márcia Dailyn e Silvio Eduardo que surgiu a inspiração para uma das cenas políticas mais cômicas que entraram para a versão final. A cena tem ar de filme mudo e usa o efeito de abrir e fechar uma porta onde na parede são projetadas imagens de vídeo. Esse é o mesmo efeito da plataforma *Zoom* que transforma uma base qualquer numa espécie de *Chroma Key*.

A cena final é de *Madame Nostalgie - A Blogueira das Estrelas*, onde a atuante Márcia é confrontada com fotos de personagens famosos da história mundial que ela teria tido casos amorosos, como Donald Trump, Vladimir Putin, Joseph Goebbels e Adolf Hitler, por exemplo.



(Silvio Eduardo, Márcia Dailyn e Gustavo Ferreira em *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto André Stefano)

Uma outra improvisação conjunta muito importante para o espetáculo foi a dos atores Fábio Penna e Marcelo Thomaz, que trouxeram um carnaval à distância comemorado de forma virtual; futuramente essa cena seria repensada e teve o elenco inteiro incluído para encerrar o projeto.



(A Arte de Encarar o Medo, Os Satyros 2020 - Foto André Stefano)

Os ensaios continuaram diariamente, tínhamos alguns domingos livres, mas para ser bem sincero, o fato da gente se reunir, conversar sobre arte, desabafar sobre os percalços da pandemia e continuar trabalhando mesmo confinados, era algo que nos acalentava. Cada ensaio tinha a duração de 3 a 4 horas e a cada dia um novo desafio nos era imposto. Neste estágio dos ensaios, as improvisações eram sempre em grupo e ao vivo e o fato de pensar em coletivo, sincronizando as entradas, saídas e conteúdos foi determinante para o resultado final.

No dia 18 de maio recebemos a notícia que o ator Ivam Cabral tinha conseguido um mecenas para patrocinar as suas apresentações do monólogo *Todos os Sonhos do Mundo*, gerando comoção e esperança para o grupo inteiro.

Vale lembrar, que logo no começo da pandemia, ainda em abril, um dos espaços físicos d'Os Satyros, a *Estação Satyros*, teatro que funcionou durante 15 anos na Praça Roosevelt, teve que fechar as suas portas por conta da crise provocada pelo Coronavírus. Essa, foi uma sala icônica do teatro *underground* paulistano onde foi encenada uma das peças mais emblemáticas do grupo: *Os 120 Dias de Sodoma*, estando mais de uma década em cartaz sempre com grandes filas.

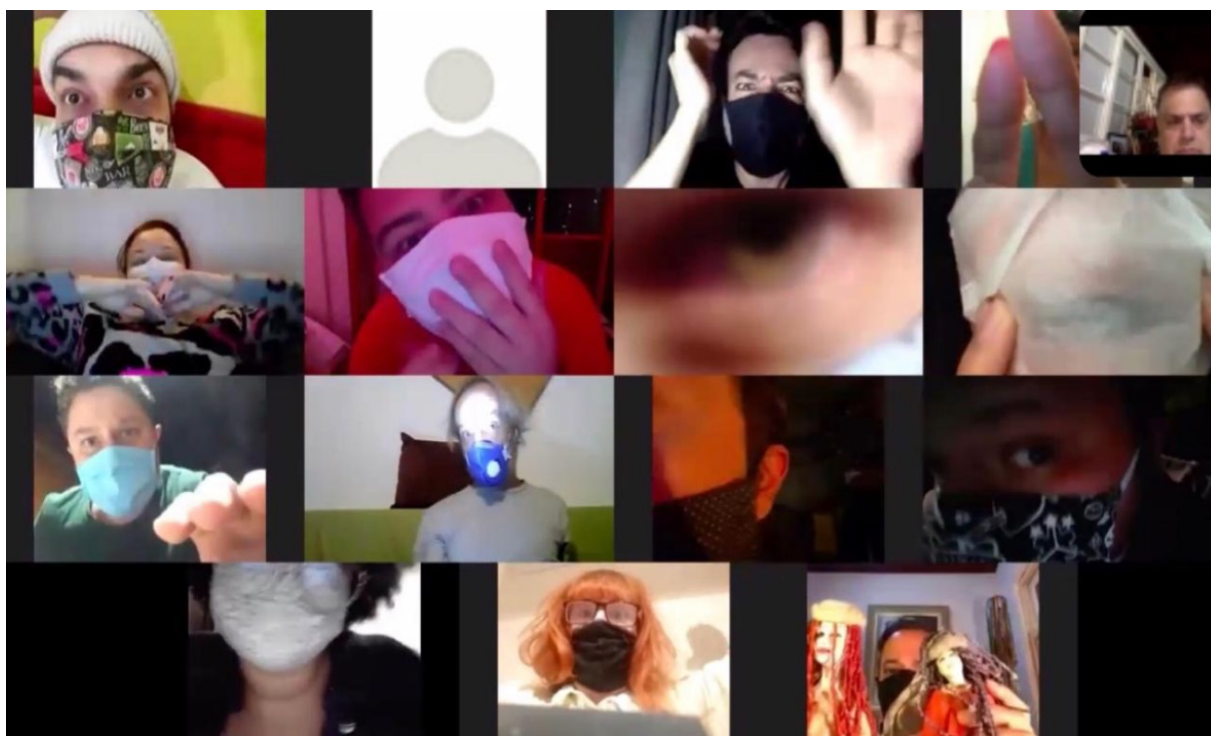
No dia 19 de maio de 2020 foi nos apresentado um primeiro roteiro com algumas cenas definidas. Foi nesse mesmo dia em que eu soube que além de acompanhar o processo como estagiário integraria também o elenco como “participação especial”. Recebi a minha primeira cena que era para fazer par com o ator Silvio Eduardo (a cena do chuveiro). E é curioso como foi pensado na gente trabalhar junto: em um dos ensaios, quando íamos apresentar as nossas improvisações ao vivo, na época quando ainda estávamos trabalhando sozinhos, na hora de organizar as ordens de apresentações, para mim entrou como sendo o 5º atuante a se apresentar e para o Silvio também, já que digitamos juntos, e como estávamos testando a fluidez das entradas e saídas, fazíamos todas as cenas seguidas, sem parar. Estando supostamente os dois na mesma ordem, acabamos entrando juntos e não paramos. Com a sincronia das duas cenas diferentes acontecendo ao mesmo tempo, criou-se um efeito bastante interessante, quase como uma dança disforme.

Existe uma frase que o Silvio e eu falamos em uníssono, no chuveiro, de forma bastante agoniada:

“Vai ficar tudo bem, na medida do possível!”

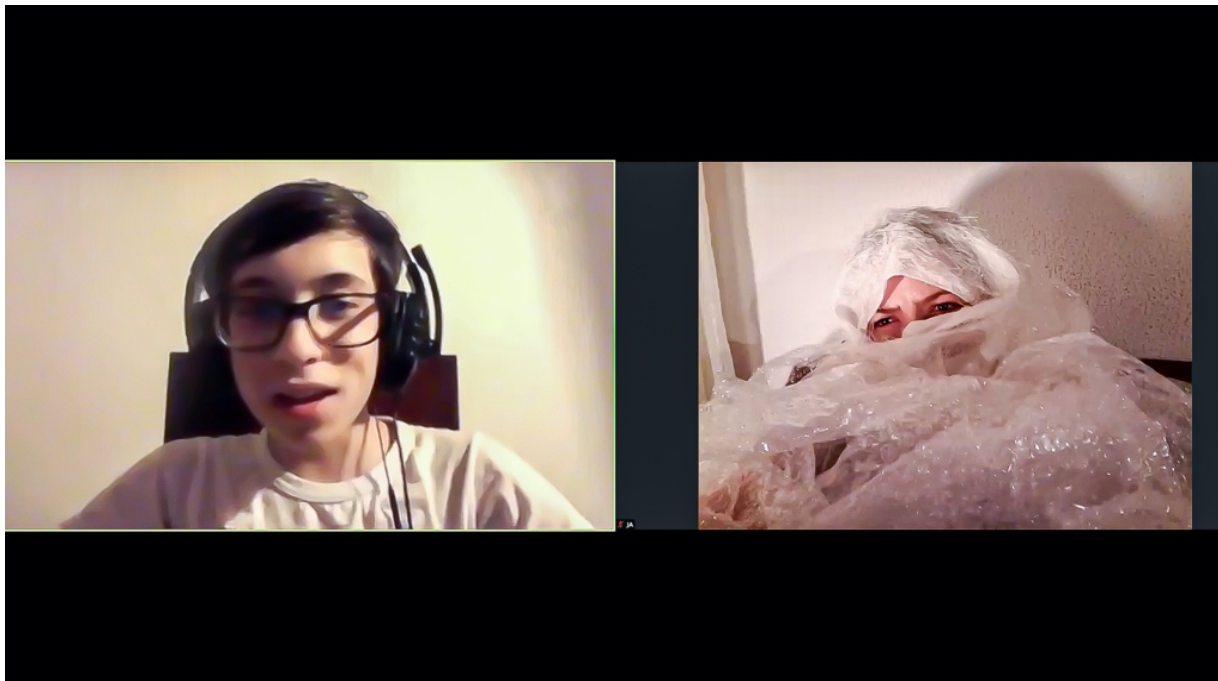
Essa foi uma das frases mais usadas por todos nós, especialmente no começo da pandemia, em nossos encontros, quando alguém perguntava: Está tudo bem contigo? A resposta era quase sempre: “Está tudo bem, na medida do possível”. Mas a grande verdade é que as coisas não estavam tão bem... Hoje, o Brasil já soma a aterradora marca de 430.000 mortos vítimas da Covid-19, e no mundo mais de 3.340.000 (última atualização: 14.05.2021).

A partir daqui, além dos ensaios diários com o elenco completo, à noite, fazíamos ensaios das cenas separadamente nos horários possíveis para os envolvidos. No fim do dia, juntávamos todas as sequências e ensaiávamos também as cenas que participam o elenco inteiro, que são várias, como: “A dança das Máscaras”, “Os inumeráveis”, “O aniversário da Fê” (com quase o elenco completo) e o encerramento com o Carnaval. No dia 19 de maio fomos informados que o primeiro teste com público seria feito, com um ensaio aberto no dia 27 de maio de 2020.



(Cena de Ensaio - A Arte de Encarar o Medo, Os Satyros 2020 – Print Screen)

Dois atores mirins foram integrados ao elenco, a Nina Denobile Rodrigues, filha da atriz Sabrina Denobile junto com o Marcelo Thomaz, ambos no elenco da peça e o Pedro Lucas Alonso, filho adolescente da também atriz do elenco Juliana Alonso. A Nina faz parte de uma das cenas que mais emociona o público, onde uma mãe conversa com a filha sobre como era o mundo lá fora antes da pandemia e das coisas que ela gostava de fazer, incluindo como era fazer teatro presencial. O Pedro, também faz uma cena com a sua mãe verdadeira, a Juliana Alonso, onde ele faz o papel de um jovem louco por videogames e dá dicas do jogo do *Homem-Aranha*, enquanto numa outra parte da sala, a sua mãe o repreende para ele ir estudar ou ler um livro. Essa cena com o Pedro é bem interessante porque foi adaptada para o espetáculo uma ferramenta para uso empresarial e de aulas virtuais do *Zoom* de compartilhar a própria tela com os outros participantes da reunião; então o público da peça realmente consegue ouvir as dicas do Pedro ao mesmo tempo que assiste a tela do jogo, e ainda numa terceira tela, em tamanho menor, conseguem ver a mãe.



(Pedro Lucas Alonso e Juliana Alonso em *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto André Stefano)



(Nina Denobile Rodrigues e Sabrina Denobile em *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto André Stefano)

No início do espetáculo, uma espécie de sobrevivente narrador, interpretado pelo Ivam Cabral, pede, através da internet, por um sinal de vida e o seu chamado é atendido por uma atuante de muito longe, primeiramente quem interpretou esse papel foi a atriz Sueca Ulrika Malmgren, que numa segunda fase, foi substituída pela atriz portuguesa Ana Jorge, da vila ribatejana de Riachos, Portugal.



(Ivam Cabral em *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto André Stefano)



(Ulrika Malmgren em *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto André Stefano)

Após o Ivam Cabral clamar por um indício de vida, recebe um sinal de vídeo de outro sobrevivente; na primeira versão a resposta que vinha da Suécia era feita em inglês, e posteriormente passou a ter o sotaque do português de Portugal. O visual desse prólogo foi construído em conjunto pela Ulrika e Adriana Vaz e é constituído por luzes e muito alumínio, dando um tom alienígena para a cena. Dois bonecos com nomes bem específicos compõem o cenário: na versão sueca um dos manequins se chamava Major Tom, uma alusão a música *Space Oddity* de David Bowie, e o outro boneco, August Strindberg, trazendo um pouco da cultura da Ulrika para o espetáculo, já que ambos são nativos da mesma cidade, Estocolmo. Ulrika contracenava com as personagens inanimadas enquanto bebia uma taça de champanhe.

Embora o cenário na versão portuguesa tenha ficado bastante parecido com a versão sueca, o nome de um dos bonecos foi alterado, e o Strindberg passou a ser Luís de Camões, e a atriz Ana Jorge interage com eles enquanto bebe uma taça de vinho do Porto. Após essa aparição, entra um vídeo de abertura em tela cheia com cenas da cidade de São Paulo vazia, as imagens têm um ar apocalíptico e aparecem juntas com o nome do elenco, a tela da atuante fica menor e some após um tempo. A abertura tem como trilha sonora a música de David Bowie, *Space Oddity*.



(Ana Jorge em *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto do arquivo pessoal da atriz)

Após o vídeo de abertura, única parte que é pré-gravada, entra o ator Ivam Cabral dizendo que já se passaram 5.555 dias, a atmosfera é de distopia e foram poucos os sobreviventes. Os que restaram estão isolados. Ivam perdeu quase todos os seus amigos, mas curiosamente ainda tem internet e energia elétrica. Não temos quase mais nada do que tínhamos antes do misterioso vírus, que em nenhum momento da peça é falado o nome. E aí começa o espetáculo...

Essa peça não segue uma cronologia horizontal e as cenas não são lineares, embora no início se diga que estamos há quinze anos confinados. O espetáculo, que é bastante visual, vai soltando no decorrer da trama, algumas pistas ao público: Na cena do aniversário da Fê é dito que já era o quinto ano comemorado daquela forma,

já na cena do Carnaval era o sétimo, numa das cenas políticas, por exemplo, se fala num período de ditadura onde se queimaram livros na Praça Roosevelt e a família brasileira levantava bandeiras em orgulho a esse estado totalitário.

8. O PRIMEIRO CONTATO COM O PÚBLICO

No dia 27 de maio tivemos o primeiro contato com um público real, com várias pessoas do meio teatral, amigos e familiares. Além de testar as cenas, precisávamos testar como seria para os espectadores entrarem na sala, já que mesmo para nós atuentes e produção demorou algum tempo até tudo funcionar com fluidez. Foi pensado numa sala de espera virtual que era aberta sempre 15 minutos antes do espetáculo começar; nessa sala de espera tinha um pôster do espetáculo com algumas indicações técnicas, em seguida, dois atuentes entravam ao vivo para dar algumas instruções e posteriormente entrava um vídeo mais curto para ressaltar essas informações técnicas, no caso de alguém ter entrado atrasado.

É muito interessante a experiência artística e pessoal ao ver o número de pessoas entrando na sala virtual, a sensação é muito parecida com estar espiando por detrás de uma cortina num teatro convencional, já que podemos ver os nomes de quem está assistindo e era frequente a presença de convidados ilustres da TV, do Teatro, políticos e claro, nossos amigos e familiares. O ritual que criamos foi muito semelhante com estar num teatro físico, tanto que costumávamos nos reunir normalmente com uma hora de antecedência para receber indicações cênicas e fazer a tradicional roda para cantar o grito de guerra oficial d'Os Satyros:

*“Dionísio foi atingido,
Pela loucura de Hera
Indo perambular
Ao lado dos Satyros selvagens
Dos loucos e dos animais”*

Após esse primeiro ensaio aberto tivemos uma conversa com os espectadores do espetáculo e recebemos as primeiras impressões. A partir daí tivemos certeza de que estávamos no caminho certo e criando uma linguagem inédita. A resposta do público foi bastante positiva e animadora, muitos ficaram extasiados e esperançosos com a nova janela que se abria para os artistas, já que até ali o que se tinha visto eram monólogos ou peças previamente gravadas e transmitidas online sem qualquer inovação, apenas transpondo o teatro convencional gravado para a rede. Muitos nos questionaram se todas as cenas foram ao vivo, se havia partes gravadas, ou mesmo, se tínhamos feito algum tipo de pós-edição de imagem, o que a resposta é NÃO.

Embora houvesse bastante sincronia e fluidez na troca de cenas, trabalhar com teatro digital tem os seus percalços: assim como em quase todos os espetáculos do grupo Os Satyros, o elenco de *A Arte de Encarar o Medo* era bastante numeroso, éramos um grupo de 18 atuantes, muitas vezes com todos juntos na mesma cena. Trabalhar à distância não era o único desafio, usávamos diferentes serviços e velocidades de internet, vivendo em lugares diversos, alguns inclusive, passando a quarentena em lugares remotos, como era o caso dos dois criadores do projeto: Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez, que estavam isolados em Parelheiros, distrito do extremo sul de São Paulo. Todos os atores têm que estar preparados para substituir o amigo se esse tem algum problema de conexão ou quando acaba a energia (o que no Brasil é bastante frequente), especialmente durante os meses de primavera e verão, com todas as tempestades tropicais. Também era bastante comum animais de estimação entrarem no meio das cenas ou algum dos atores ter a sua cena invadida por sons externos, como festas clandestinas e churrascos de vizinhos.

Mas são exatamente essas pequenas fissuras que fazem o público se lembrar que está assistindo a uma peça teatral, e que embora o espetáculo inclua diversos elementos do audiovisual e a audiência esteja acompanhando a partir de seus lares através da TV, computador ou smartphone, aquilo que estão assistindo é Teatro.

Aliás, o ser ou não ser Teatro foi uma questão muitas vezes colocada por especialistas e críticos da área das artes, mas nunca foi uma questão que realmente preocupasse o grupo. Sabíamos que estávamos pisando em um solo virgem e que conseqüentemente essa pergunta viria a ser feita. Mas o mais importante naquele momento era estarmos trabalhando e em constante processo de criação.

No sábado, 30 de maio de 2020, tivemos um ensaio fechado, com melhorias e correções do que tinha sido o primeiro ensaio aberto e no domingo, 31 de maio, fizemos uma segunda apresentação teste pública.

“... A Arte de Encarar o Medo me interessou por outra coisa: a iniciativa d’Os Satyros é experimental, uma alternativa para o teatro nos “novos tempos”. Existem coisas que não temos nela: a presença corpórea dos atores, por exemplo. A energia de uma sala com plateia e atores ali na sua frente, te mostrando uma história. Só que a montagem ganha outros elementos quando realizada na plataforma Zoom. E mais importante: ela foi concebida para uma plataforma como o Zoom. Usa recursos que não existem em uma sala de teatro, ou pelo menos que precisariam ser bem adaptados para chegarem no mesmo fim.

Logo de cara, você tem a possibilidade de contar com um elenco grande sem muita dificuldade. Basta que o ator tenha conexão com internet e câmera (de celular, de laptop, webcam, o que for), e que se familiarize com a tecnologia. Em A Arte de Encarar o Medo, existe uma atriz sueca (Ulrika Malmgren) que participa direto de Estocolmo. O ator Cesar Siqueira, por sua vez, não chegou a conhecer o resto do elenco pessoalmente! O fator do “ao vivo” segue como a principal tônica. Você sabe que todas aquelas pessoas estão atuando e trabalhando naquele momento, com hora marcada, só que a noção de espaço é ampliada. Cada um está em um lugar. Existem momentos em que eles sobem escadas, batem em portas, saem de um cômodo para entrar no outro. Numa hora eles também usam

o recurso de mudar o fundo da transmissão. Duas pessoas podem contracenar uma com a outra mesmo com uma distância de muitos mil quilômetros. Por aí vai.”

(Jorge Wakabara, 22 de junho de 2020 - <https://www.wakabara.com/blog/category/teatro>)

9. A ARTE DE ENCARAR O MEDO

A estreia oficial para o grande público foi definida para o dia 13 de junho de 2020 às 21h, sendo que no dia anterior, teríamos uma sessão especial agendada para jornalistas, críticos e alguns amigos. Os dias de apresentação seriam todas as sextas-feiras e sábados às 21h e aos domingos às 16h, sempre no horário de Brasília. Nasce oficialmente *A Arte de Encarar o Medo*.

S@TYROSDIGITAL
APRESENTA

A ARTE DE ENCARAR O MEDO

DE IVAM CABRAL E RODOLFO GARCÍA VÁZQUEZ DIREÇÃO: RODOLFO GARCÍA VÁZQUEZ

SEXTAS, SÁBADOS, 21H00 E DOMINGOS 16H - TRANSMISSÃO VIA ZOOM - INGRESSOS DISPONÍVEIS NO SITE DA SYMPLA

ROTEIRO: IVAM CABRAL E RODOLFO GARCÍA VÁZQUEZ | DIREÇÃO: RODOLFO GARCÍA VÁZQUEZ | ELENCO: IVAM CABRAL, EDUARDO CHAGAS, NICOLE PUZZI, ULRICA MALMGREN, DIEGO RIBEIRO, FABIO PENNA, GUSTAVO FERREIRA, HENRIQUE MELLO, JULIA BOBROW, JU ALONSO, MARCELO THOMAZ, MARCIA DAILYN, MARIANA FRANÇA, SABRINA DENOBILE, SILVIO EDUARDO / ATOR CONVIDADO: CÉSAR SIQUEIRA | AS CRIANÇAS: NINA DENOBILE RODRIGUES E PEDRO LUCAS ALONSO
ORIENTAÇÃO VISUAL: ADRIANA VAZ E ROGÉRIO ROMUALDO | PRODUÇÃO: OS SATYROS | ASSESSORIA DE IMPRENSA: STELLA STEPHANY

REALIZAÇÃO
Os Satyros

(Cartaz oficial de *A Arte de Encarar o Medo*, Brasil, Os Satyros 2020 – Foto Divulgação)

No dia da apresentação para a comunicação e público especializado, durante a conversa pós-espetáculo, pudemos ter uma impressão externa aprofundada do que estávamos fazendo, ainda não tínhamos a noção de quanto esse projeto seria grandioso. Os mais importantes veículos da comunicação fizeram matérias especiais na TV, jornais impressos e online, além dos sites especializados em arte, veículos como *Rede Globo*, *Canal Arte*, *Jornal O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Revista Veja*, entre outros.

A companhia Os Satyros ficou literalmente no foco da mídia, virando referência e chamando a atenção de vários outros grupos de artistas da área teatral que estavam sem trabalhar por conta da pandemia. Através do espetáculo *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros, um grupo já muito consolidado, mas ainda associado ao universo *underground* paulistano, entrou para o *mainstream*, sendo o alvo de discussões de estudiosos e críticas especializadas. Era muito frequente recebermos alunos de teatro de vários cantos do planeta vindos por indicações dos professores.

Nas primeiras semanas em que estávamos em cartaz, o importante diretor teatral e apresentador de televisão, Ardebal Freire-Filho, escreveu uma crítica para o *Jornal Folha de S. Paulo* sobre o teatro digital, dando ênfase para *A Arte de Encarar o Medo*, já que tinha acabado de assistir ao espetáculo. Ele faz uma comparação entre a evolução do teatro e do futebol e reflete se o teatro por *streaming* veio para ficar?! E se essa não seria uma forma de ampliar o seu público, antes, normalmente, restrito às grandes cidades. Ardebal lembra ainda, que o mesmo aconteceu com as partidas de futebol, quando essas começaram a ser transmitidas para o rádio e para a televisão e que viu a sua plateia se expandir exponencialmente. Hoje, por exemplo, o futebol tem muito mais público em casas residenciais do que nos estádios.

Com o sucesso da versão brasileira, nasceram outras 2 versões do espetáculo: uma africana-europeia e outra norte-americana – *The Art of Facing Fear*, a primeira era falada principalmente em inglês, mas com alguns atores falando em português e dialetos africanos; a versão estadunidense era falada inteiramente em inglês. Embora o conteúdo das versões internacionais fosse muito parecido com a versão original, foram feitas algumas adaptações por motivos de reconhecimento cultural: na versão norte-americana, por exemplo, no auge do movimento *#blacklivesmatter*, por sugestão dos atores, foram inseridas algumas cenas dando destaque à essa causa.

OS SATYROS **BRAZIL** | CROWN TROUPE OF AFRICA **NIGERIA** | DARLING DESPERADOS **SWEDEN** | ODDMANOUT THEATRE COMPANY **ENGLAND** |
PORTUGUESE CULTURAL CENTER OF MINDELO **CAPE VERDE** | VILLAGE GOSSIP PRODUCTIONS **SOUTH AFRICA** | TELL-A-TALE **NIGERIA** | THE KWASHA!
THEATRE COMPANY **SOUTH AFRICA** | THE MARKET THEATRE LABORATORY **SOUTH AFRICA** | JUNGA KLARA **SWEDEN**

PRESENT

THE ART OF FACING FEAR

WRITTEN BY IVAM CABRAL AND RODOLFO GARCÍA VÁZQUEZ

DIRECTED BY RODOLFO VÁZQUEZ GARCÍA

(Cartaz oficial de *The Art of Facing Fear* – Afro-Europa, Os Satyros 2020 – Foto Divulgação)

PRODUCED BY COMPANY OF ANGELS (UNITED STATES) AND ROB LECRONE (UNITED STATES),
IN CO-PRODUCTION WITH OS SATYROS (BRAZIL) AND DARLING DESPERADOS (SWEDEN)

THE ART OF FACING FEAR

WRITTEN BY IVAM CABRAL AND RODOLFO GARCÍA VÁZQUEZ

DIRECTED BY RODOLFO GARCÍA VÁZQUEZ

SEPTEMBER 5 – SEPTEMBER 27

SATURDAYS AT 5PM PACIFIC AND SUNDAYS AT 3PM PACIFIC

ENSEMBLE: JESSICA BERÓN, ROGELIO DOUGLASIII, BRYAN HA, MEGAN SKYE HALE, MIA HJELTE, JESSENIA INGRAM,
ZED E. JONES, ROB LECRONE, ANDRE ENGRACIA MELLO, MIA MOUNTAIN, NAKASHA NORWOOD,
MICHAEL JAMES NUELLS, THERESE OLSON, DANIELLE RABINOVITCH, AMABLE JUNIOR ROSA, TERRENCE ROBINSON

angels



(Cartaz oficial de *The Art of Facing Fear* – Estados Unidos da América, Os Satyros 2020 – Foto Divulgação)

No dia 26 de setembro de 2020 as 3 versões do espetáculo *A Arte de Encarar o Medo / The Art of Facing Fear* foram apresentadas ao vivo consecutivamente para o mundo inteiro, envolvendo atores de 10 países em 4 diferentes continentes. Como de costume, após cada espetáculo teve um bate papo com o elenco e os criadores.

10 COUNTRIES, 4 CONTINENTS, 3 VERSIONS OF...
THE ART OF FACING FEAR
SEPTEMBER 26



AFRICAN/EUROPEAN CAST	BRAZILIAN CAST	UNITED STATES CAST
BRAZIL - 4 PM BRASÍLIA TIME	BRAZIL - 6:30 PM BRASÍLIA TIME	BRAZIL - 9 PM BRASÍLIA TIME
CAPE VERDE - 6 PM PRAIA TIME	CAPE VERDE - 8:30 PM PRAIA TIME	CAPE VERDE - 11 PM PRAIA TIME
ENGLAND - 8 PM LONDON TIME	ENGLAND - 10:30 PM LONDON TIME	ENGLAND - 1 AM LONDON TIME
NIGERIA - 8 PM LAGOS TIME	NIGERIA - 10:30 PM LAGOS TIME	NIGERIA - 1 AM LAGOS TIME
SENEGAL - 7 PM DAKAR TIME	SENEGAL - 9:30 PM DAKAR TIME	SENEGAL - 12 AM DAKAR TIME
SOUTH AFRICA - 9 PM JOHANNESBURG TIME	SOUTH AFRICA - 11:30 PM JOHANNESBURG TIME	SOUTH AFRICA - 2 AM JOHANNESBURG TIME
SWEDEN - 9 PM STOCKHOLM TIME	SWEDEN - 11:30 PM STOCKHOLM TIME	SWEDEN - 2 AM STOCKHOLM TIME
UNITED STATES - 12 PM PACIFIC TIME	UNITED STATES - 2:30 PM PACIFIC TIME	UNITED STATES - 5 PM PACIFIC TIME

TICKETS LINK FOR AFRICA/EUROPE AND BRAZIL SHOW:
[HTTPS://WWW.UNIVERSE.COM/USERS/DARLING-DESPERADOS-XLCBPZ](https://www.universe.com/users/darling-desperados-xlcbpz)

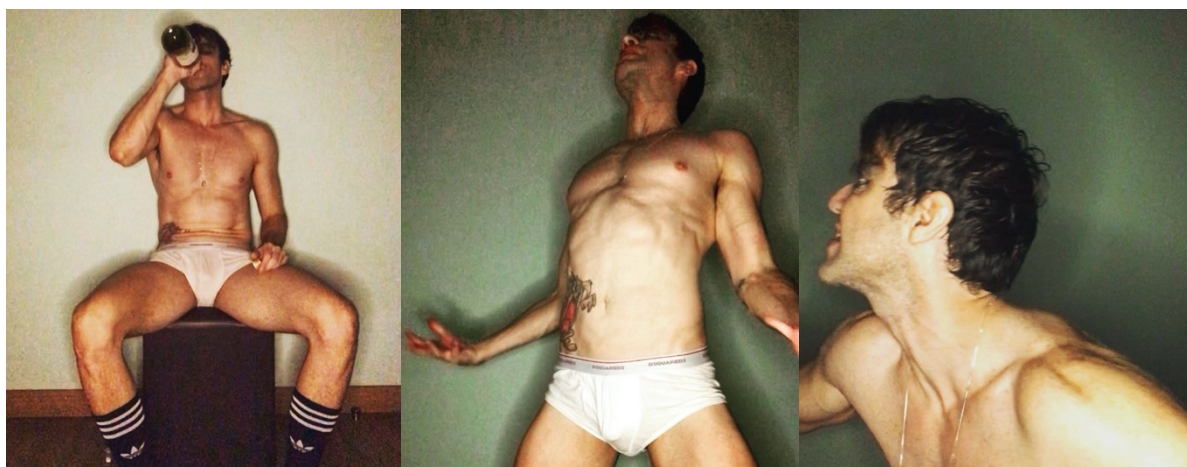
TICKETS LINK FOR USA SHOW:
[HTTPS://WWW.COMPANYOFANGELS.ORG/AOFF](https://www.companyofangels.org/aoff)

(Cartaz oficial da Maratona *The Art of Facing Fear / A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto Divulgação)

10. AS SATYRIANAS 2020

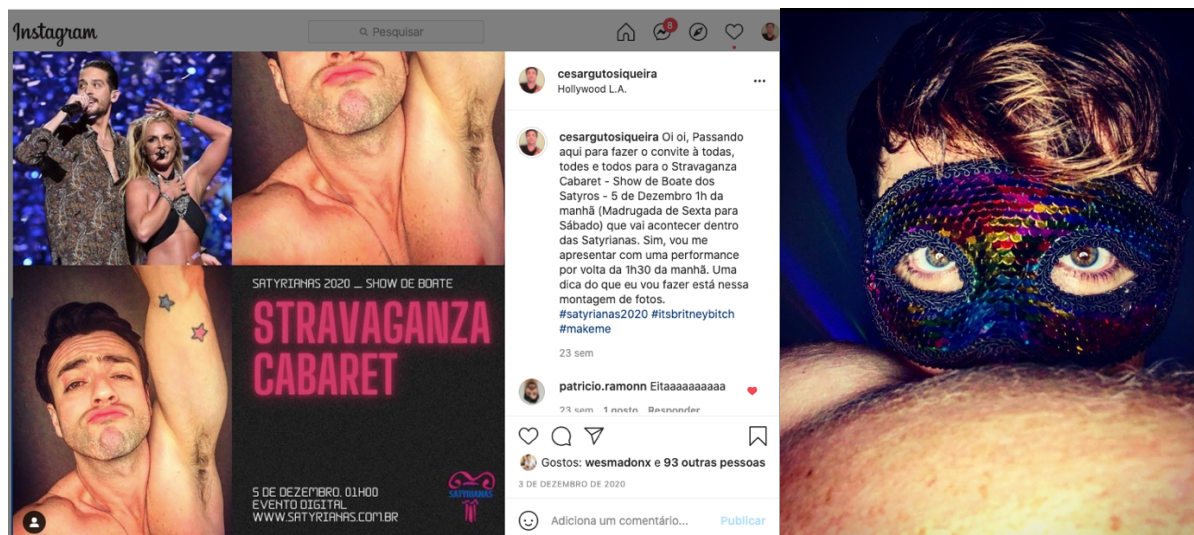
No período de 03 à 06 de dezembro de 2020 foi realizado a 21ª *Satyrianas* – Edição 2020 e pela primeira vez em formato inteiramente digital, tiveram da mesma forma, atividades artísticas sendo realizadas entre os dias 01 e 02 de dezembro, em uma *Pré-Satyrianas*, comemorando o 20º aniversário de fundação da sede principal da Cia. de Teatro Os Satyros na Praça Roosevelt. As atividades artísticas tanto da *Pré-Satyrianas* quanto das *Satyrianas* aconteceram online através de diversas plataformas: *Sympla / Zoom, Youtube, Inatagram, Facebook, TikTok, WhatsApp, Google Meet*, dentre outros. Foram mais de 400 atrações em 72 horas.

A peça *A Arte de Encarar o Medo* já estava programada para participar das *Satyrianas*, mas acrescida à essa participação, o elenco da peça foi convidado a se apresentar no Sarau do festival e no projeto *ZapMix*: performances com os artistas da Cia Os Satyros, com duração de meia-hora, para pequenos grupos de pessoas numa chamada de vídeo. Eu fui escalado para performar na madrugada dia 6 de dezembro de 2020, 1h da manhã do domingo. Foi nos dada a liberdade para apresentar qualquer tipo de trabalho artístico: Leitura de poemas, textos, encenações, danças, músicas, declamações, performances, etc. O meu trabalho artístico foi a encenação / atuação da introdução da peça *As Bacantes*, do *Eurípidés*, na performance eu represento o próprio Dionísio. Esse excerto inicial da peça é direcionado à todas as mulheres da cidade de Tebas, em especial as descendentes de Cadmo, para que lhe prestassem as devidas homenagens e adorações à Dionísio, uma vez que a sua família mortal, a casa real de Cadmo, negou-lhe um lugar de honra como divindade. Sua mãe, Sêmele, foi uma das amantes de Zeus e, ainda grávida, foi morta por Hera com um raio. Suas próprias tias, irmãs de Sêmele, não acreditavam que ele era filho de Zeus, considerando-o um bastardo, sendo, portanto, o início da sua vingança e uma forma de provar a sua divindade. Na minha performance, Dionísio é apresentado como um homem comum, mas com vários vícios, como bebida e cocaína, que em sua loucura personifica a divindade.



(César Siqueira como Dionísio – *Satyrianas* 2020 – Fotos do arquivo pessoal)

No dia anterior, 5 de dezembro de 2020, 1h da manhã (madrugada de sexta para sábado), aconteceu o tradicional e concorrido *Stravaganza Cabaret - Show de Boate dos Satyros* - evento irreverente normalmente muito aguardado pelo público que conhece e acompanha as *Satyrianas*. Eu me apresentei com um número musical.



(César Siqueira, divulgação e ensaio para Stravaganza Cabaret – Satyrianas 2020 – Fotos do arquivo pessoal)

Inserido nas *Satyrianas 2020*, houve também o *Projeto Epopeia – Epopeia dos Seres Selvagens, Loucos e Animais* – que é um livro com um longo poema narrativo-visual de autoria coletiva que foi editado e publicado pela editora *Giostrì*. Esse projeto tinha o formato de concurso e era aberto para qualquer pessoa participar e foi inspirado no grito primal d’Os Satyros (Já citado) - “*Dionísio foi atingido pela loucura de Hera, indo perambular ao lado dos Satyros selvagens, dos loucos e dos animais*” - No dia 6 de dezembro de 2020, houve uma leitura de trechos da epopeia.

O enredo foi dividido em três cantos: Canto 1: Sátiros, faunos, deuses, demônios e seres selvagens convivem pacificamente nos mares e florestas; Canto 2: Os humanos estão em desarmonia, abalados por guerras e epidemias; Canto 3: As criaturas míticas dirigem-se às cidades para louvar o Caos.

Era possível enviar versos para todos os Cantos. Eu enviei três poemas, um para cada Canto. Para a minha surpresa, um dos poemas foi lido pelo ator Silvio Eduardo no Sarau do dia 6, e na semana seguinte, recebi um comunicado dos organizadores que os meus três poemas foram selecionados para integrar o livro:

PARA O CANTO 1

Sinto o sangue fluir através dos túneis de mim
Uma sensação de êxtase permanente me faz correr
Me faz sorrir
Me faz chorar
Um desequilíbrio equilibrado invade meu corpo nú
O mato molhado arrepiam minha pele e meus pelos
Sinto o presságio de mudanças
A antecipação me faz correr mais depressa
Quero experimentar todos os prazeres disponíveis
Tenho a certeza que caminhamos para o fim
Então não posso desperdiçar o tempo no paraíso
Seria besteira...
Mas o que se passa comigo?
Sofro por antecipação
Minha carne humana treme
O líquido vermelho aquece com a lua
O líquido vermelho arrefece com o Sol
Preciso dançar...
Um mundo paralelo se faz na minha mente
Curvo o linear
Avisto o calor dos meus iguais
O bem e o mal convergindo lentamente
O líquido vermelho agora ferve
Já não estou mais sozinho
Fluídos estrangeiros invadem meu corpo
Dilatam-me
Já não sinto o orvalho nos meus pés
Agora sinto fogo e jubilação
A dança se intensifica
Meu lado humano deságua por toda a parte
Olho ao redor e os seres não estão mais ali
Mas sinto-me alimentado
Sinto-me preenchido
Agora sou todos
Agora sou o paraíso
O último raio de sol me acalenta
Indicando o prenúncio do *Chronos*
Sinto o sangue correndo através dos túneis de mim
Uma sensação de êxtase permanente me faz correr
Me faz sorrir
Me faz chorar

PARA O CANTO 2

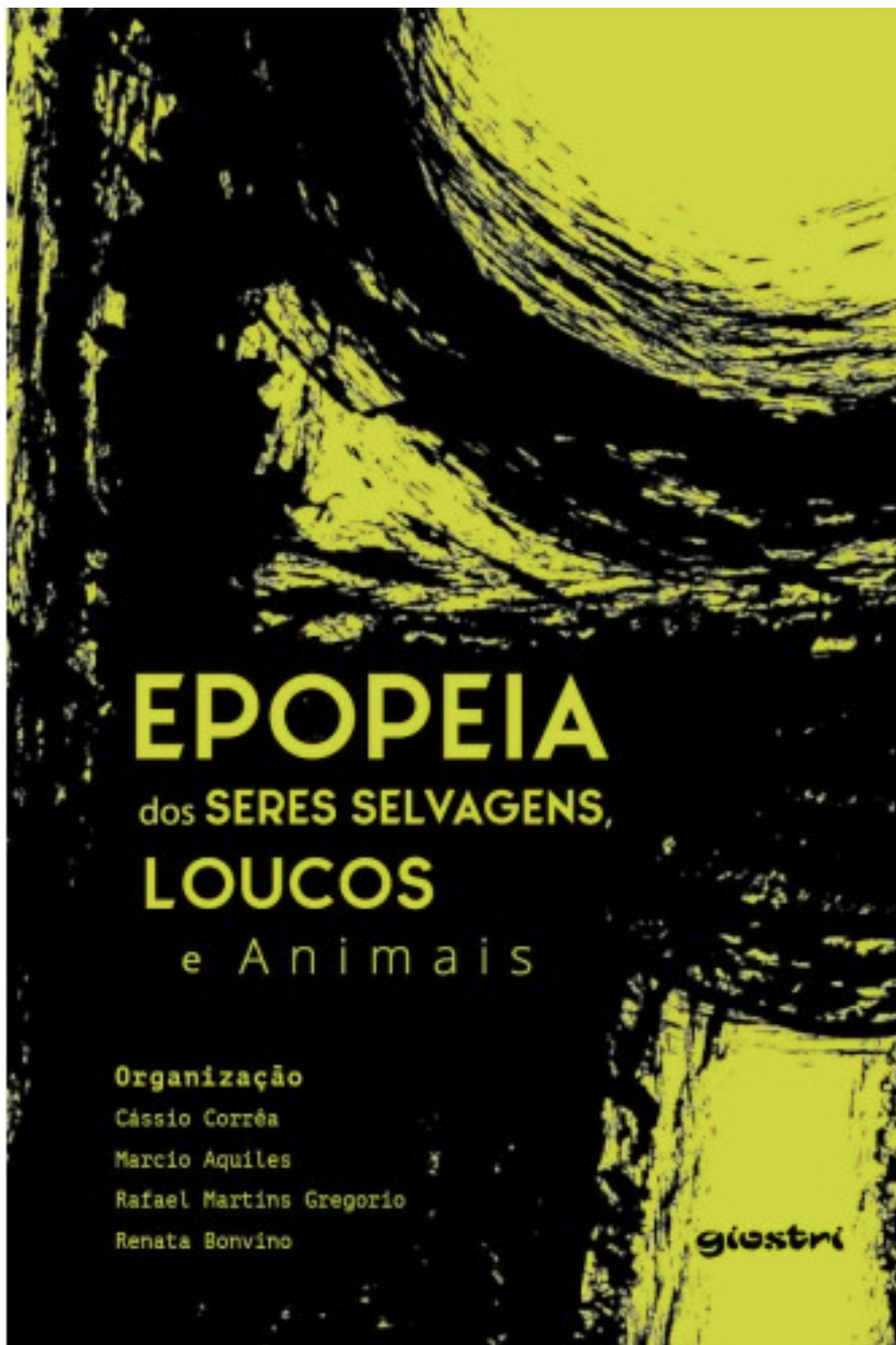
Só vejo sobras, só vejo sombras
Os iluminados não estão mais aqui
Tento resistir de alguma forma

Meus últimos pedaços tentam desistir
Vampiros me cercam o tempo todo
Sugando o que me resta de fulgor
Entro na escuridão
Cavalgo na neve deixando marcas
A cada passo deixo um pouco de mim para trás
O que sobrou?
Existe algo de verdadeiro?
Olho para trás e só vejo neblina
Tento ver o que fui
Tento lembrar do que foi
Tento me inebriar
Fantasiar o *extasy* que outrora existiu
Meu espírito doente ainda resiste
Desejo ter ido
Mas por algum motivo fui escolhido
Desejo ter ido
Talvez covardia?
Pra quê viver nessa fantasia virtual?
Softwares programados
Convergir - Divergir
A guerra é interna em cada um?
Ou fomos arquitetados para o apocalipse?
Aves saltam pelas janelas
Mas elas não têm penas ou sabem voar
Ópio invadem os corpos num sono eterno
Pólvora retumba como fogos de artifício
Ano Novo – Nova Era – Caos
Aquarius não chegou
Em seu lugar Marte reina
O Messias não era o salvador
O Comunismo nunca veio
Mas o vermelho pinta tudo
Não tenho mais lágrimas
Acho que ninguém mais as tem
Seguimos olhando para um infinito de areia
Não existe nada lá na frente
Mas os que remanescem caminham
Seguem de pés descalços
Morrendo em vida a cada suspiro

PARA O CANTO 3

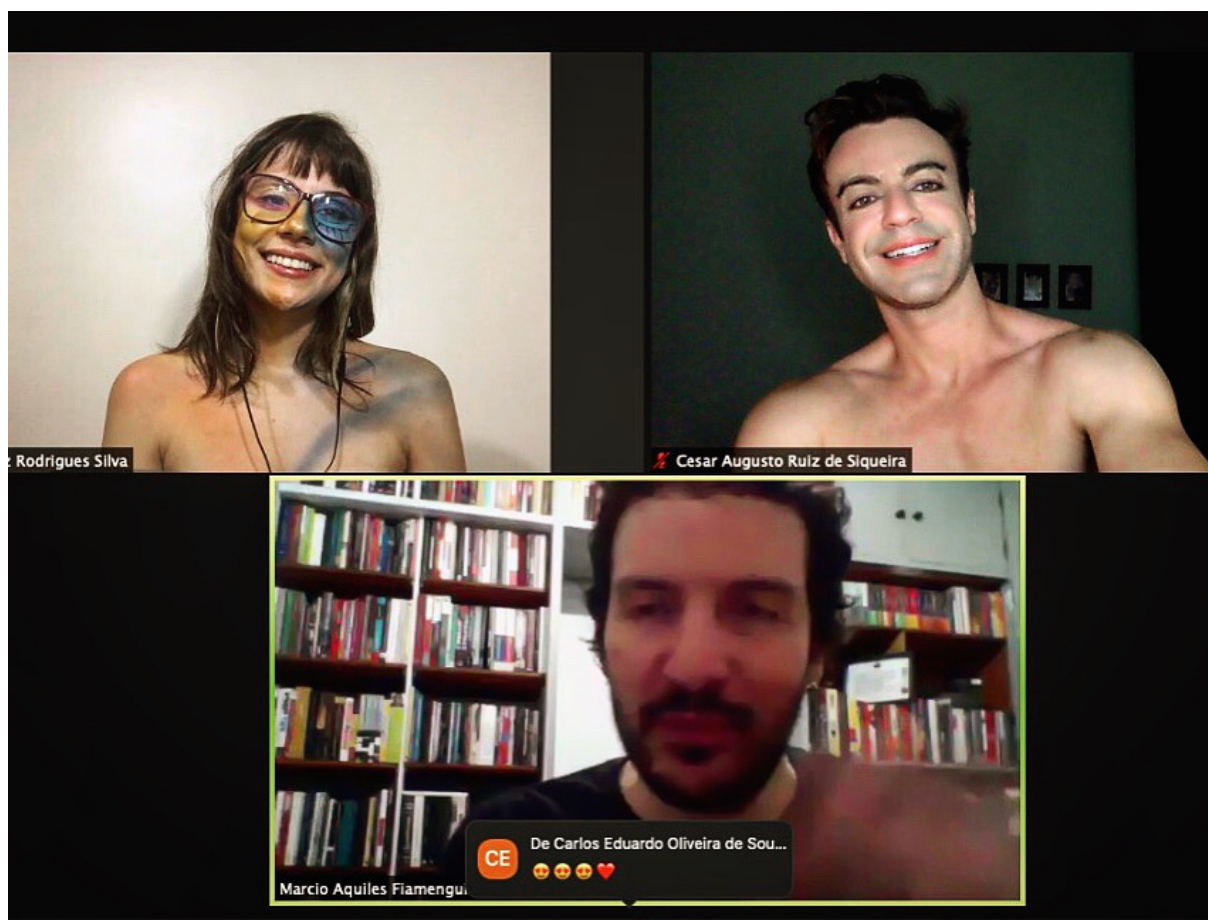
Unidos seguimos para o horizonte final
Raça ou sexo já não importam
Em maravilhas marchamos e cantamos
Não são raras as mãos unidas
Pois bradamos o mesmo louvor
A mensagem análoga rejubila

O sangue fervilha nas veias
O suor refresca nossas faces
Ouço tambores das cidades vizinhas
Trombetas ressoam alto
É tão lindo
Lágrimas desenham caminhos
Novos pés se juntam ao cortejo
São tantos corpos e cores
Já não reconheço as unidades
Agora somos milhares
Já não temos mais medo
É possível enxergar as muralhas
São apenas ruínas, mas são altas
Uivos podem ser ouvidos
São os lobos
Eles também resistiram
Os ventos serpenteiam
Anunciando o confronto
Sinto uma hesitação
Um presságio de luta
Um presságio de morte
Um presságio de glória
Já não me importo por mim
A ideia é o que move
A causa é a chave
Estamos prontos
Eles não esperavam
Somos abundantes
Somos diferentes
Somos iguais
Somos singulares
Somos múltiplos
Somos exagerados
Somos exorbitantes
Somos intensos
Somos raros
Mas somos um
A vitória é certa?
Não se sabe
Mas somos um.



(Capa do livro Epopeia dos Seres Selvagens, Loucos e Animais – Editora Giostri, 2021)

O lançamento oficial do livro *Epopeia dos Seres Selvagens, Loucos e Animais* pela Editora Giostri, teve a sua estreia oficial no dia 12 de Março de 2021, e eu fui convidado juntamente com a atriz Marília Luiz pelo idealizador e coordenador do projeto, Marcio Aquiles, para participar do sarau especial fazendo a leitura dramática do conteúdo integral da obra.



(Marília Luiz, César Siqueira e Marcio Aquiles no lançamento do livro *Epopeia dos Seres Selvagens, Loucos e Animais* pela Editora Giostri - 2021, Print Screen – Arquivo pessoal)

11. FESTIVAIS

- No dia 13 de novembro de 2020 a peça *A Arte de Encarar o Medo* na versão brasileira participou do Festival *Mindelact* de Cabo Verde e teve quase 600 ingressos retirados.
- No dia 22 de novembro a versão africana-europeia, *The Art of Facing Fear* participou do *Red Curtain Festival*, de Calcutá, Índia.
- Nos dias 04, 05 e 06 de dezembro a versão brasileira participou das *Satyrianas 2020*.

12. A ARTE DE ENCARAR O MEDO – PRÊMIOS E RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

Em cartaz de junho até dezembro de 2020, *A Arte de Encarar o Medo* fez quase 100 apresentações e recebeu um público superior a 30 mil pessoas.

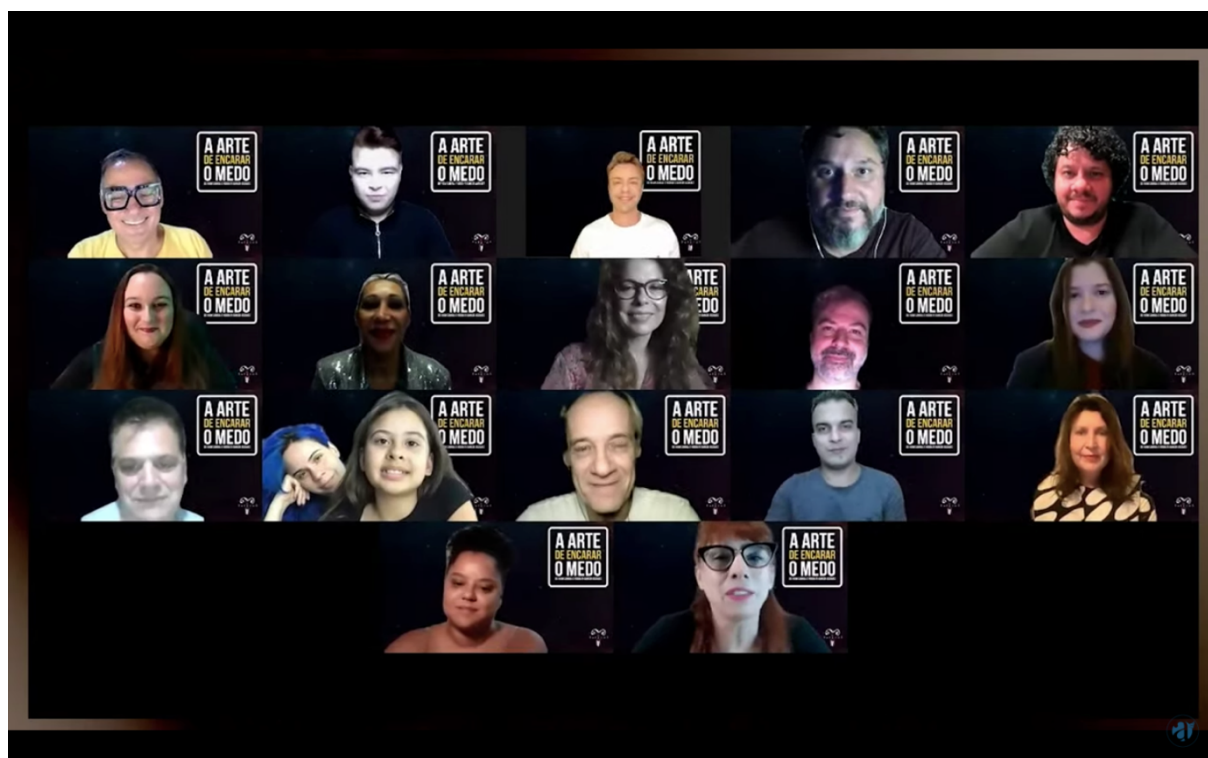
A peça ganhou, também, duas versões internacionais, que receberam o título de *The Art of Facing Fear*. Uma, a partir de *Los Angeles*, com atores de vários estados norte-americanos; e outra, afro-europeia, com artistas da África do Sul, Senegal, Nigéria, Zimbábwe, Cabo Verde, Inglaterra, Alemanha e Suécia.

No Brasil, Os Satyros foram indicados ao *Prêmio Arcanjo de Cultura 2020* em duas categorias: *Redes* pela realização on-line do grandioso *Festival Satyrianas 2020 – Para Não Dizer que Não Falaremos das Flores*, e na categoria *Teatro* pela peça digital pioneira: *A Arte de Encarar o Medo*, sendo que no dia 28 de abril de 2021, numa cerimônia que aconteceu também de forma virtual, saiu vencedora dos dois prêmios em que concorria.

A Arte de Encarar o Medo foi eleita como destaque nas categorias espetáculo e direção pelo site Observatório do Teatro além de ter recebido indicação ao Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte).

Em dezembro de 2020, a montagem afro-europeia, *The Art of Facing Fear*, recebeu os prêmios de Melhor Espetáculo e Melhor Elenco no *Red Curtain Festival*, de Calcutá, na Índia, com júri formado por onze críticos e curadores de oito países, que representavam alguns dos principais centros de referência do teatro mundial, entre eles, do *Festival de Edimburgo*.

Nos Estados Unidos, *A Arte de Encarar o Medo* (*The Art of Facing Fear*) venceu o *Young-Howze Theater Awards*, premiação teatral de Nova Jersey, para o Prêmio Mundial de Melhor Espetáculo Colaborativo do Ano de 2020 e concorre em 6 categorias ao *BroadwayWorld Los Angeles Awards*, que elege os melhores espetáculos da década (de 2010 a 2020), incluindo de melhor espetáculo, elenco e direção para Rodolfo García Vázquez.



(Elenco de *A Arte de Encarar o Medo* recebendo o Prêmio Arcanjo de Cultura 2020 – 2021, Print Screen – Arquivo pessoal)

13. MENÇÕES HONROSAS

- *A Arte de Encarar o Medo* entrou na lista do ZESCAR Teatro 2020, do crítico José Cetra Filho, do *Palco Paulistano*. A peça aparece como um dos melhores espetáculos de teatro virtual e melhor direção de teatro virtual, para Rodolfo García Vázquez.

<https://palcopaulistano.blogspot.com/2020/12/zescar-teatro-2020.html?fbclid=IwAR2ghYBbj9WJaq-wJUssikCCEK-iR8xKVX34NETof11RDMYVhVx0AnocMUA>

- Na Retrospectiva 2020 do *Ruína Acesa*, plataforma de crítica cultural capitaneada por Amilton de Azevedo, o espetáculo *A Arte de Encarar o Medo* aparece nos destaques.

<https://bit.ly/38N2wmP>

- No Guia do jornal *A Folha de São Paulo*, o espetáculo *A Arte de Encarar o Medo* entrou na lista dos 5 espetáculos que traduziram a experiência do teatro na internet.

<https://guia.folha.uol.com.br/teatro/2020/12/retrospectiva-2020-conheca-cinco-pecas-que-traduziram-a-experiencia-do-teatro-na-internet.shtml>

(Link alternativo para não assinantes) <https://bit.ly/37NDHHY>

- O Jornal *O Globo* colocou a peça *A Arte de Encarar o Medo* como destaque em sua Retrospectiva 2020 – “Teatro se adaptou à ausência de plateia com plataformas virtuais e interação.”

<https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/retrospectiva-2020-teatro-se-adaptou-ausencia-de-plateia-com-plataformas-virtuais-interacao-24805984>

(Link alternativo para não assinantes) <https://bit.ly/3hjeaJG>

- A revista de variedades e entretenimento *Time Out* de Nova York destacou a estreia do espetáculo *The Art of Facing Fear* e a companhia teatral *Os Satyros* pela peça digital distópica.

<https://www.blogdoarcanjo.com/2020/09/05/time-out-de-nova-york-destaca-peca-do-satyros-com-atores-dos-eua-the-art-of-facing-fear/>



(César Siqueira em cartaz de *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto Divulgação)

14. CURIOSIDADES DE A ARTE DE ENCARAR O MEDO

- Até a conclusão desse relatório de estágio (atualizado em maio de 2021), em nenhum momento, eu estive com o restante do elenco, ou mesmo com o diretor Rodolfo García Vázquez pessoalmente, todos os ensaios, reuniões e apresentações foram feitos de forma on-line.
- *A Arte de Encarar o Medo* foi a primeira peça digital de uma trilogia sobre distopia, seguida por *Novos Normais: Sobre Sexo e Outros Desejos Pandêmicos*, e em seguida, *As Mariposas*.
- O porquê do número fictício 5.555 dias de isolamento foi perguntado em um dos bate-papos com o público, que acontecia sempre após aos espetáculos, e a resposta do Ivam Cabral, que além de ator é um dos dramaturgos da obra, respondeu que a inspiração veio da série Norte-Americana *Lost*.

- Com *A Arte de Encarar o Medo* o grupo inaugurou um espaço virtual, o espaço digital dos Satyros: *S@tyros Digital*, e desde então têm estado em cartaz ininterruptamente com diversos outros espetáculos.
- No espetáculo *Todos os Sonhos do Mundo* e também no *1991 – Ruínas e Construções*, nos vídeos das aberturas, o elenco de *A Arte de Encarar o Medo* ganhou uma homenagem do Ivam Cabral, que colocou cada artista da peça, pioneira no mundo digital d’ Os Satyros, com uma função especial; a minha foi “Preparador Físico”.
- O elenco mirim entrou para o elenco oficial de *A Arte de Encarar o Medo* depois que as suas mães, Sabrina Denóbile e Juliana Alonso, quase que por brincadeira, enviaram vídeos com improvisações dos filhos, Nina Denóbile e Pedro Alonso, respectivamente.
- No dia do meu aniversário, 20 de junho de 2020, depois do espetáculo, fizemos uma *live* comemorativa no perfil do *Instagram* oficial d’Os Satyros onde o público que tinha assistido a peça naquela noite também foi convidado, devido ao conteúdo ousado da conversa fomos bloqueados pelo *Instagram* por 24h.
- A conversa final com o público era cada dia apresentada por um atuante diferente, sendo escolhido na reunião antes de cada espetáculo
- A nossa coxia era um grupo de *WhatsApp* onde durante o espetáculo íamos trocando informações sobre a conexão da internet ou qualquer outro problema que pudesse surgir, além de muitas piadas e brincadeiras.
- No auge da pandemia, logo após a estreia do espetáculo, todo o elenco e o diretor Rodolfo fomos chamados para participar de entrevistas no formato de *lives* on-line. Além de uma *live* com o próprio Rodolfo no seu “Diário de Quarentena” eu fui convidado a participar de uma *live* com o crítico teatral e jornalista Miguel Arcanjo Prado e também na *live* do jornalista e apresentador Pedro Leão. (disponíveis na internet)
- Várias personalidades assistiram *A Arte de Encarar o Medo*, entre elas: Patrícia Pillar, Marieta Severo, Zeca Baleiro e o Dr. Drauzio Varella.
- O Ivam Cabral disponibilizou psicólogos para o grupo, em caso de necessidade, visto que além do isolamento social, vários artistas envolvidos na produção de *A Arte de Encarar o Medo* perderam amigos e familiares para a Covid-19

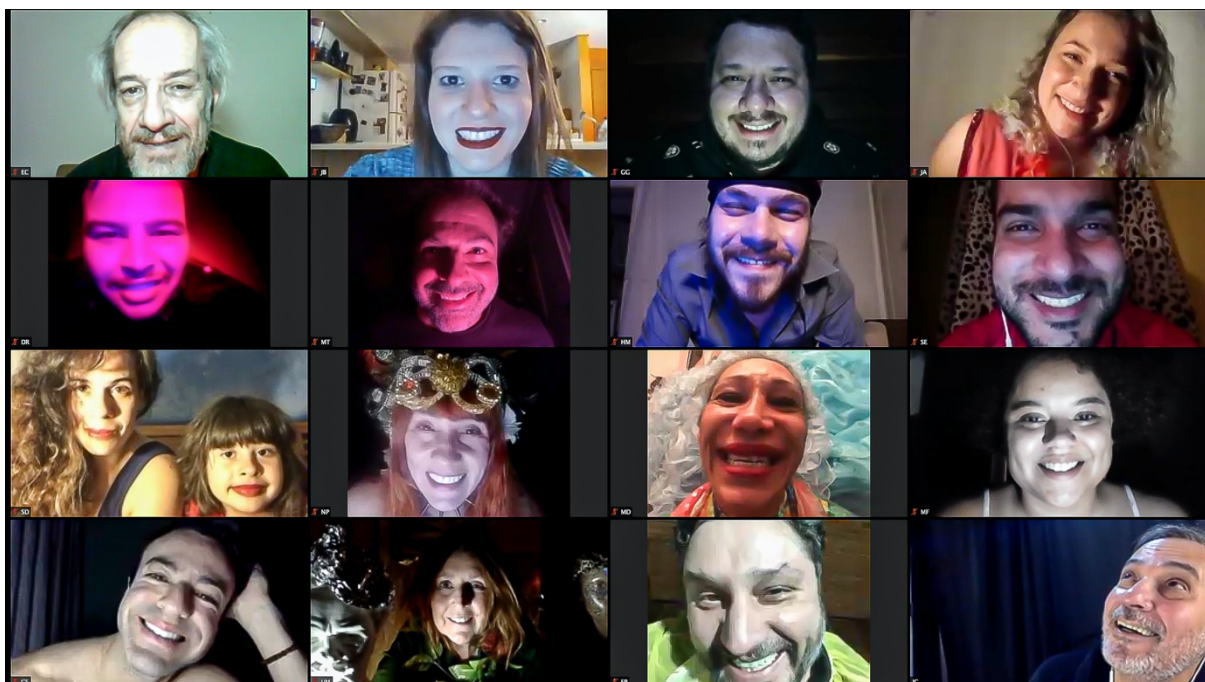
- Além das músicas já consagradas *Space Oddity* do *David Bowie* e *Amanhã*, interpretada por *Guilherme Arantes*, todas as outras músicas foram criadas especialmente para o espetáculo por *Marcelo Nassi*, que em setembro de 2020 contraiu Covid-19 e chegou a ser internado em estado grave numa UTI. Hoje o Marcelo está recuperado.
- Todas as fotografias de divulgação foram feitas de forma remota pelo fotógrafo André Stefano.
- No dia 26 de setembro, a maratona de *A Arte de Encarar o Medo / The Art of Facing Fear* envolveu mais de 100 artistas em 10 países diferentes.
- Na versão africana-europeia foram introduzidas canções lendárias do movimento *Apartheid* pelo elenco sul-africano, já na versão norte-americana foram introduzidos elementos do movimento *Black Lives Matter* também pelos atores que estavam vivenciando aquele momento histórico dos Estados Unidos da América.
- Na montagem norte-americana quase ninguém do elenco se conhecia pessoalmente.
- A partir de *A Arte de Encarar o Medo* vários pesquisadores brasileiros e estrangeiros têm procurado a companhia Os Satyros para estudar e escrever sobre *Teatro Ciborgue*, *Teatro Digital*, *telepresença* e *telecopresença*.
- Com o resultado positivo de *A Arte de Encarar o Medo*, a plataforma *Sympla / Zoom* começou a citar Os Satyros em seus treinamentos e pedia para que os participantes assistissem a peça para observar como usávamos as ferramentas de formas bem diferentes das habituais.
- Durante o nosso espetáculo recebemos muitos alunos de teatro, estudiosos das artes da performance, além de diversos professores do mundo inteiro. Após assistir a uma de nossas apresentações, a *Royal Birmingham Conservatoire*, na Inglaterra, convidou Os Satyros para uma investigação do Teatro Digital, e numa parceria intercontinental foi montada uma versão de *Macbeth* que estreou nas *Satyrianas 2020 – Pra Não Dizer que Não Falaremos das Flores*. Essa montagem, intitulada de *MacBeth #Projeto6*, chegou a concorrer ao *Prêmio Shakespeare no Young-Howze Awards*, de Nova Jersey, Estados Unidos da América.
- Nas últimas semanas de apresentações do espetáculo, o Ivam Cabral introduziu uma personagem surpresa: *A Flor*, que invadia as cenas dos outros

atores repentinamente, o que gerava sempre uma nova cena cômica de improviso.

- *A Arte de Encarar o Medo* vai virar filme em 2021 – Recebemos a notícia do próprio Ivam Cabral antes de entrarmos em cena para a última apresentação do espetáculo, no dia 20.12.2020



(Cartaz de *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto Divulgação)



(Elenco de *A Arte de Encarar o Medo*, Os Satyros 2020 – Foto André Stefano)

15. FICHA TÉCNICA DE A ARTE DE ENCARAR O MEDO

Roteiro: Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez

Direção: Rodolfo García Vázquez

Elenco: Ivam Cabral, Eduardo Chagas, Nicole Puzzi, Ulrika Malmgren, Diego Ribeiro, Fabio Penna, Gustavo Ferreira, Henrique Mello, Julia Bobrow, Ju Alonso, Marcelo Thomaz, Marcia Dailyn, Mariana França, Sabrina Denobile e Silvio Eduardo

Atores convidados: Ana Jorge e César Siqueira

Atores mirins convidados: Nina Denobile Rodrigues e Pedro Lucas Alonso

Orientação visual: Adriana Vaz e Rogério Romualdo

Fotos: Andre Stefano

Produção: Os Satyros

Assessoria de Imprensa: JSPontes Comunicação – João Pontes e Stella Stephany

16. CONCLUSÃO

Numa entrevista para a Virada Cultural 2020, o Ivam Cabral conta que logo quando começaram a estruturar o grupo ele chegou rapidamente à conclusão de que eles só conseguiriam trabalhar se tivessem o próprio espaço. O segundo espetáculo do grupo foi *Sades ou Noites com os Professores Imorais*, que teve sua estreia em Curitiba com bastante sucesso, mas quando chegaram à São Paulo tiveram grande dificuldade para encontrar um local onde pudessem apresentar esse trabalho.

Tentaram nos Teatros de sexo explícito da Aurora e Arouche, mas diziam que eram intelectuais demais; tentaram no *Ruth Escobar* ou no *Teatro Augusta* e a resposta negativa foi por serem pornográficos demais, logo só teriam liberdade se tivessem o seu Teatro.

O espaço na Praça Roosevelt comemorou 20 anos no ano de 2020 e é um dos lugares mais democráticos da cidade, segundo o Rodolfo García Vázquez: “*Os Satyros é um local para todas as diversidades, muitas pessoas se sentem isoladas e ali se sentem acolhidas - ali é o lugar dos esquisitos e das esquisitas!!*”

É como quando *Virginie Despentes* escreve no seu livro *Teoria King Kong*: “*Escrevo da Terra das feias, para as feias, para as velhas, as machonas, as frígidas, as malfodidas, as infodiveis, as histéricas, as taradas e para todas as excluídas do grande mercado das gajas boas. E começo por aqui para que as coisas sejam bem claras: NÃO PEÇO DESCULPA DE NADA, NÃO ME VENHO LAMENTAR.*” (p. 7)

Os Satyros vêm nessas últimas décadas ousando, quebrando inúmeras barreiras, e dando um novo significado aos desajustados, aos excluídos e a todo seu entorno físico e social, buscando com primazia perceber o que se passa ao seu redor e prontamente refletir e reagir, criando dessa forma, um Teatro pulsante e de resistência! E essa é a grande característica *Veloz* d’os Satyros: O ser instantâneo e experimental, se utilizando de todos os meios disponíveis, ou muitas vezes os criando, para expandir todas as suas possibilidades.

Agora, com a conexão e transposição da Praça Roosevelt à nuvem, essa bolha marginal ficou ainda mais democrática dando acesso à todas as *esquisitas* do planeta.

Não acredito que esse estágio com Os Satyros seja um ciclo definitivamente acabado. Encaro como um processo que eu ainda estou percorrendo. A mudança entre países e culturas exerceu um grande impacto tanto na minha vida pessoal quanto profissional. Minha formação acadêmica no fazer teatral foi predominantemente europeia, e o retornar às minhas origens tupiniquins, depois de tantos anos, me fez despertar para diversas questões sociais e culturais; questões que antes eu só acompanhava durante curtos períodos de tempo, à distância ou enquanto estava de férias, o que é uma visão bastante concisa e ocasionalmente imprecisa.

Confesso que todas essas mudanças inicialmente me deixaram muito confuso, e me fizeram por vezes me sentir como se não pertencesse inteiramente a nenhum dos dois lugares; e ao mesmo tempo pertencesse a todos os lugares. Foram múltiplas as vezes em que me senti estrangeiro tanto aqui quanto lá! Mas tive a sorte de ser muito bem

recebido aqui na terra dos meus antepassados; afinal o “Augusto” do meu nome foi herdado em homenagem ao meu avô português, homem do norte que imigrou muito jovem para o Brasil em busca de uma vida mais próspera no Novo Mundo... A mesma sorte tive ao encontrar a família SATYROS, e é assim que costumávamos nos chamar: de família; fui muito bem recebido e acolhido por todos da equipe e do elenco, e hoje posso dizer que não me sinto mais estrangeiro nem aqui e nem lá, mas sim que tenho duas casas que o Teatro me presenteou.

Olhando a minha experiência com a distância necessária, percebi que posso agregar ao meu SER ARTISTA os dois lados da moeda, muito do apolíneo que aprendi durante o meu desenvolvimento teatral europeu, quanto o lado dionisíaco d’ Os Satyros. É curioso que essa essência híbrida sempre esteve presente previamente em praticamente todos os meus trabalhos, inclusive, tenho como grande referência europeia o grupo catalão *La Fura dels Baus* e no Brasil, além da companhia *Os Satyros*, o *Teatro Oficina Uzyna Uzona*, do lendário Zé Celso.

E numa sociedade que historicamente nos condiciona a seguir sempre padrões e comportamentos pré-determinados, eu admiro a ousadia e a coragem do teatro despudorado, que desvela a beleza das camadas mais profundas do ser humano e confronta a sociedade com a quebra desses paradigmas. Os Satyros não é apenas uma companhia de teatro, Os Satyros é um movimento social.

Durante esse estágio, conheci pessoas tão apaixonadas pela arte teatral que muitas vezes mal dormiam para fazer tudo acontecer; afinal, embora a rede não durma, os fusos horários, na maioria das vezes, eram consideravelmente ingratos!!! Mas isso me despertou para o pensamento do TUDO ser possível, mesmo quando todas as projeções ao redor apontam para o fim.

E foi justamente num ambiente apocalíptico que cheguei e parti do meu Brasil, com as artes cênicas inicialmente paradas e agora, praticamente um ano e meio depois, funcionando somente de forma virtual. Volto para Portugal ainda num momento difícil para as Artes, caminhando de forma bastante discreta; embora na área da saúde esteja numa posição mais privilegiada.

Acredito que todas as experiências que vivi durante essa estadia de um ano e um mês que passei no Brasil vão ficar profundamente tatuadas na minha carne. Passei por mudanças psicológicas muito profundas que me fizeram entender melhor outras formas de viver e do fazer teatral, inclusive a utilização de técnicas inusitadas e inexploradas para a engrenagem artística continuar em funcionamento.

O Teatro no Brasil, especialmente no momento sombrio em que estamos passando, é essencialmente político e não tem como ser diferente. É uma forma de nos manifestarmos e gritarmos por socorro, seja na força ou na comédia, é uma espécie de óculos para os que ainda continuam cegos. Através do Teatro Digital passamos a ser MACRO, ou seja, já não estou em Portugal, já não estou no Brasil. Agora já não sou mais estrangeiro, porque agora pertencço a nuvem e a nuvem é planetária. Somos todos *cyborgues*, tanto espectadores quanto artistas.

Gostaria de terminar esse relatório com as palavras do website teatral www.ruinaacesa.com.br sobre a retrospectiva teatral de 2020:

“...Neste final de ano, algumas obras parecem onipresentes nas tantas listas que se fazem nos meios de comunicação. É o caso de A Arte de Encarar o Medo, da Cia. Os Satyros. Abro esta parte da incandescência com ela. Sucesso de público, com direito a duas versões internacionais produzidas pela companhia em parceria com grupos de diversos países, o espetáculo digital do Satyros foi considerado por muitos um divisor de águas neste período. O elenco numeroso e o uso dos quadradinhos do aplicativo de teleconferências Zoom como possibilidade de composição cênica chamou a atenção ainda no primeiro semestre.

É interessante notar como uma companhia tão longeva e importante como são os Satyros não apenas adaptaram suas pesquisas estéticas, mas efetivamente operaram uma recriação de seus dispositivos, mantendo ali a essência dos trabalhos do grupo. Talvez A Arte de Encarar o Medo seja uma das primeiras obras deste período que possa ser analisada sob a ótica da encenação.”

(Por Milton Azevedo 30.12.2020)

17. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Oswald de. *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Editora Globo S.A., 1990.

ALTINO, Filipe; AQUILES, Marcio; ARANTES, Paloma; BESKOW, Cristina Alvares; BIELLA, Luisa; BONVINO, Renata; CORRÊA, Cássio; DAFFARA, Carolina; FAGUNDEZ, Pedro; FERRI, Felipe; GREGORIO, Rafael Martins; LUIZ, Marília; OLIVEIRA, Kadu; PEREIRA, Letícia; SÁ, Aureliano de; SIQUEIRA, César; STAVALE, Danilo; TEANI, Márcia. *Epopéia dos Seres Selvagens, Loucos e Animais*. São Paulo: Giostri Editora LTDA., 2021.

AQUILES, Marcio; LONDERO, Elen; CABRAL, Ivam; GAMA, Joaquim; MATE, Alexandre (Equipe – Coro de criação). *Teatro de Grupo na Cidade de São Paulo e na grande São Paulo: Criações Coletivas, Sentidos e Manifestações em Processo de Lutas e Travessias*. São Paulo: Editora Lucias, 2020.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas*. São Paulo: Editora 34, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão de Identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

CARMO, Paulo Sérgio do. *Prazeres e Pecados do Sexo na História do Brasil*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

CABRAL, Ivam; VÁZQUEZ, Rodolfo García. *1991 ou a Imperfeição do Amor*. São Paulo: Editora Giostri, 2021.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. Tradução de Luís Leitão. Lisboa: Orfeu Negro, 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Paz & Terra, 2019.

GARCIA, Rodolfo Vazquez. *As Formas de Escrita Cênica e Presença no Teatro Expandido dos Satyros*; Dissertação de Mestrado em Teoria e Prática do Teatro. São Paulo (doi: 10.11606/D.27.2017.tde-15052017-160040). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2016.

GUZIK, Alberto. *Cia. De Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto Contra-Sexual*. Tradução de Luís Leitão e Prefácio de Pê Feijó. Lisboa: Editora Orfeu Negro, 2019.

SADE, Marquês de. *Os 120 Dias de Sodoma ou a Escola da Libertinagem*. Tradução de Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Penguin – Companhia das Letras, 2018.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a Teoria Queer*. Tradução de Heci Regina Candiani e Posfácio de Richard Miskolci. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso – A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A., 2018.

18. WEBGRAFIA

ALAM, Camila. “O ator já foi baterista, ativista feminista, dono de boate, traficante – e também já foi Lourdes”. Revista TRIP / TPM #137, 21.11.2013.

<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/leo-moreira-sa> - Acessado em 20 de maio de 2020.

AZEVEDO, Amilton De. “A Virtual Distopia dos Tempos – Crítica de A Arte de Encarar o Medo, da Cia Teatral Os Satyros”. Site Ruína Acesa, 23.07.2020

<https://ruinaacesa.com.br/a-arte-de-encarar-o-medo/> - Acessado em 25 de julho de 2020.

BUTLER, Judith. “De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?” El País – Edição Brasil, 10.07.2020.

<https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html> - Acessado em 15 de junho de 2020.

FREIRE-FILHO, Aderbal. “Teatro por streaming pode ter chegado para ficar, diz Aderbal Freire-Filho” – *Ilustríssima /Jornal Folha de S.Paulo*, 02.07.2020.

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/07/teatro-por-streaming-pode-ter-chegado-para-ficar-diz-aderbal-freire-filho.shtml> - Acessado em 10 de julho de 2020.

VIRADA CULTURAL 2020 - *Tudo de Arte, Nada de Aglomeração - Teatros – História Presente – Teatro dos Satyros* - Vídeo dirigido por André Canto e Gabriel Miziara e produzido por GRIFA FILMES, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo.

<https://www.youtube.com/watch?v=3webNNurtVk> - Acessado em 21 de dezembro de 2020.

19. SITES ASSOCIADOS À COMPANHIA TEATRAL OS SATYROS

Os Satyros - <http://satyros.com.br/>

S@tyros Digital - <https://www.sympla.com.br/ produtor/espacodigitaldossatyros>

Satyrianas - <https://www.satyrianas.com.br/>

Terras de Cabral - <https://terrasdecabral.com.br/>



**SEXTAS E SÁBADOS ÀS 21H
DOMINGOS ÀS 16H**

TRANSMISSÃO VIA ZOOM

INGRESSOS: [SYMPLA.COM.BR/ESPACODIGITALDOOSATYROS](https://symppla.com.br/espacodigitaldoosatyros)

**A ARTE
DE ENCARAR
O MEDO**

(Cartaz de A Arte de Encarar o Medo, Os Satyros 2020 – Foto Divulgação)

